



No Angelus novo apelo contra o tráfico de seres humanos

## Denunciar os casos de exploração e escravidão



Foto Pixabay

Todos devem colaborar na luta contra o tráfico de seres humanos, denunciando «os casos de exploração e escravidão de homens, mulheres e crianças», pediu o Papa no final do Angelus de domingo, 10 de fevereiro, recordando o quinto Dia mundial contra o tráfico de pessoas, celebrado na sexta-feira 8. Uma iniciativa que «convida a unir as forças para vencer este desafio», frisou Francisco, agradecendo «a todos os que combatem nesta frente, em particular muitas religiosas», e dirigindo um apelo «especialmente aos governos, para que sejam enfrentadas com decisão as causas deste flagelo e as vítimas sejam protegidas».

O Pontífice convidou os fiéis presentes a recitar com ele uma prece a Santa Josefina Bakhita, padroeira das vítimas do tráfico de seres humanos, invocando a sua intercessão por todos os «que estão presos na escravidão» e pedindo que «as correntes da sua prisão possam ser quebradas».

PÁGINA 3

## Bento XVI, a força e a bondade

ANDREA MONDA

1858, 1929, 2013, uma estranha série de números que em comum só têm outros números, 11 e 2, isto é onze de fevereiro; aliás, três datas epocais na história da Igreja: as aparições de Lourdes, os Pactos lateranenses e a renúncia de Bento XVI. Talvez seja precisamente a terceira data a que permanecerá mais longamente na história da Igreja, a data daquele gesto revolucionário.

Seria um erro reduzir o inteiro pontificado de oito anos de Joseph Ratzinger ao evento de 11 de fevereiro de 2013, mas resta o facto que a história da Igreja encontra naquele gesto um divisor de águas, uma viragem, uma “mudança de época” usando as palavras do Papa Francisco. A época que Bento deixou para trás renunciando ao sólio de Pedro, é a época do século XX, o século breve e terrível das duas guerras mundiais e dos grandes genocídios; um século que começou no centro da Europa a 28 de junho de 1914 com o assassinato de Francisco Ferdinando em Sarajevo e o desencadeamento da Grande Guerra, guerra de poder, e que acabou a 11 de fevereiro de 2013 quando o último monarca absoluto vivo, o amável sacerdote alemão Joseph Ratzinger renunciou ao poder.

Provavelmente sobre a memória de Bento predominará a do seu san-

to predecessor e do seu vulcânico sucessor mas certamente tanto João Paulo II como Francisco não teriam podido ser o que foram e são sem a presença forte e discreta de Joseph Ratzinger. E os dois reconheceram várias vezes. Francisco falou sobre isto de novo há poucos dias, voltando da viagem aos Emirados Árabes, ao responder às perguntas dos jornalistas (nunca faltam aquelas sobre o tema dos abusos, o jornalismo frequentemente pecca por fantasia) quis evidenciar que «Bento XVI teve a coragem de fazer muitas coisas sobre este tema. [...] O folclore mostra-o como débil, mas de débil nada

tem. É um homem bom, um pedaço de pão é pior do que ele, mas também um homem forte». Trata-se de um bom destaque que nos recorda algo tão verdadeiro que aos homens que se tornam preguiçosos pela força do hábito pode resultar falsa ou pelo menos paradoxal: que a força e a bondade caminham juntas, alimentando-se reciprocamente.

Vem à mente a introdução de Branco sobre Negro, de Ruben Gallego: «Os protagonistas deste livro são pessoas fortes, muito fortes. Acontece com frequência que se deva ser forte. E bom. Nem todos se podem dar ao luxo de ser bons, nem

todos são capazes de ultrapassar a barreira da incompreensão geral. Demasiadas vezes a bondade é considerada debilidade. E é muito triste». E depois, há aquela extraordinária figura do leão Aslam das Crônicas de Nárnia criada pela imaginação de C.S. Lewis, que une em si mesmo a majestade com a bondade, a força com a misericórdia, inspirando ao mesmo tempo temor e confiança. Para realizar o gesto que Bento XVI fez há seis anos é preciso o “treinamento” de uma vida inteira, uma vida dedicada a fazer crescer juntas força e bondade, enfim, é preciso coragem, uma coragem de leão.

Seis anos depois da renúncia

## Atualidade de um magistério

ANDREA TORNIELLI

Passaram seis anos depois daquele trovão num céu sereno, a primeira renúncia de um Papa por motivos de saúde e da idade avançada. Em 11 de fevereiro de 2013 Bento XVI, quase ao completar o oitavo ano do seu pontificado, anunciava a sua vontade de deixar o ministério petrino no final daquele mesmo mês, porque já não se sentia em condições de carregar – física e espiritualmente – o peso do pontificado. O peso de um ministério que no último século mudou profundamente no que diz respeito à modalidade do seu exercício,

com o aumentar de celebrações, compromissos, encontros e viagens internacionais.

Muito foi dito e escrito sobre aquele evento destinado a marcar a história da Igreja. E pode-se correr o risco de focalizar a atenção apenas naquele gesto humilde e inesperado, acabando por passar em segundo plano o testemunho pessoal e, sobretudo, o magistério de Bento XVI. A propósito do testemunho, considerado o iminente início do encontro dedicado à proteção dos menores com os presidentes das Conferências episcopais do mundo inteiro reunidos no Vaticano com o Pa-

CONTINUA NA PÁGINA 15

Dia mundial de prece e reflexão

## Crimes contra a humanidade

*As modernas formas de escravidão são «uma ferida aberta no corpo da sociedade, uma chaga na carne de Cristo e um crime contra a humanidade», reiterou o Papa Francisco ao saudar os membros da Galileo Foundation, recebidos em audiência a 8 de fevereiro, na Sala do Consistório.*

Estimados amigos!

Dirijo-vos uma cordial saudação, administradores e benfeitores da *Galileo Foundation*, aproveitando de bom grado a ocasião para exprimir o meu apreço pelo vosso generoso compromisso a favor da missão pastoral da Igreja. O vosso patrocínio a uma ampla variedade de projetos, manifesta a universalidade da própria Igreja.

Como fiéis leigos, segundo as formas de seguimento do Senhor, próprios das vocações específicas e res-

ponsabilidades de cada um, desempenhais um papel precioso na difusão da mensagem salvífica do Evangelho às pessoas do nosso tempo, especialmente aos nossos irmãos e irmãs mais vulneráveis. Encorajo-vos a ir em frente, oferecendo com generosidade um testemunho tão importante.

Gostaria de frisar sobretudo o vosso contributo a fim de aumentar a consciência sobre a situação daqueles que sofrem pobreza e exploração, especialmente de quantos são prisioneiros do crime do tráfico de seres humanos. Trata-se de uma tarefa urgente e essencial para os cristãos de hoje. E portanto não é uma mera coincidência o facto de nos encontrarmos na festa de Santa Josefina Bakhita, padroeira das vítimas do tráfico de seres humanos. Por dolorosa experiência pessoal ela conheceu a realidade da escravidão e as

suas consequências violentas e humilhantes. E no entanto, pela graça de Deus, no final conheceu a verdadeira liberdade e a autêntica alegria. A sua santidade de vida representa uma chamada não só a enfrentar com maior determinação as modernas formas de escravidão, que são uma ferida aberta no corpo da sociedade, uma chaga na carne de Cristo e um crime contra a humanidade (cf. *Discurso aos participantes na Conferência internacional sobre o tráfico de seres humanos*, 10 de abril de 2014), mas também a aprender do seu grande exemplo. O que ela nos

diz? Ensina-nos como nos dedicarmos aos pobres com ternura, delicadeza e compaixão.

Estimados amigos, nos projetos e nas atividades que preparais, podeis obter apoio no enraizamento cada vez mais profundo na oração, pela intercessão de Santa Josefina Bakhita e pela força que só o Espírito Santo pode conceder. Enquanto servis o Senhor, invoco d'Ele sobre vós e as vossas famílias bênçãos de alegria e paz. Agradeço-vos as vossas orações e peço-vos, por favor, que continueis a rezar por mim. Obrigada.



### Vítimas de mercadores sem escrúpulos

As mulheres e as crianças são as mais vulneráveis no tráfico de pessoas: quer se trate de prostituição, de trabalho escravo ou de matrimónios precoces, são sempre estas duas categorias que acabam por ser vítimas de mercadores sem escrúpulos. Por exemplo, calcula-se que entre quantas são obrigadas a contrair casamento forçado, mais de um terço são jovens com menos de dezoito anos. E atrás dos números desta chaga, há rostos e seres humanos feridos na sua dignidade, privados dos próprios direitos. Por conseguinte, a fim de sensibilizar a opinião pública contra este fenómeno criminoso e ajudar as vítimas a sair da escravidão, em 2014, o Papa Francisco instituiu um Dia mundial de oração e reflexão que se celebra todos os anos

a 8 de fevereiro, em recordação de Santa Josefina Bakhita, religiosa originária do Sudão que quando era menina sofreu a dramática experiência de ter sido vendida como escrava. A edição de 2019 que tem como lema «Juntos contra o tráfico de pessoas», foi apresentada a 7 de fevereiro, na Sala de imprensa da Santa Sé.

Foram recordadas as novas *Orientações pastorais sobre o tráfico de seres humanos* preparadas pelo Dicastério para o serviço do desenvolvimento humano integral, evidenciando que o Dia mundial serve para compreender mais profundamente o modo como funciona o *business* do tráfico, presente em toda a parte como a corrupção. A irmã Gabriella Bottani, coordenadora internacional de Tali-

tha Kum, rede de religiosas e religiosos que há dez anos combate nesta frente, explicou que o Dia mundial se une a uma importante meta para Talitha Kum – esta rede é promotora do Dia juntamente com a União internacional dos superiores-gerais (Uisg) – recordando que Talitha Kum celebra dez anos de atividade no contraste ao tráfico de pessoas nos cinco continentes. Trata-se de «um longo caminho que deu re-

sultados importantes». Hoje a rede está comprometida em iniciativas de prevenção, sensibilização, proteção, parceria e oração em setenta e sete países: 13 na África, 13 na Ásia, 17 na América, 31 na Europa e 2 na Oceânia. Nos 34 países onde não há redes nacionais os coordenadores regionais ou continentais formam grupos ou pessoas de contacto. Foram 34 os cursos realizados para a constituição das redes, num total de 136 dias de formação, além de um curso piloto para a formação de 22 líderes de Talitha Kum para ações colaborativas. São mais de mil as religiosas formadas, que atuam em 65 países e mais de dois mil os participantes nas redes guiadas pelas religiosas.

Um grande compromisso do Departamento internacional de Talitha Kum em Roma é o trabalho de «lobbying a advocacy» em colaboração com outras realidades: como Dicastérios do Vaticano e organizações religiosas junto das Nações Unidas.

Em Roma, foram promovidas duas iniciativas: uma vigília de oração, a 8 de fevereiro, na basílica de Santo António, e uma marcha de sensibilização, no dia 10.

### Intenção de oração para o mês de fevereiro

Figuras anónimas de pessoas, traçadas como em bandas desenhadas em branco e preto. Mulheres e crianças, agachadas no chão ocupadas a trabalhar ou melhor obrigadas a fazê-lo. E migrantes apinhados numa embarcação no meio do mar, abandonados à própria sorte. São as imagens que passam no vídeo «O tráfico de pessoas», que apresenta a intenção do Papa Francisco para o mês de fevereiro, confiada à Rede mundial de oração através do site [www.thepopevideo.org](http://www.thepopevideo.org).

Neste vídeo tudo gravita em volta do tráfico de pessoas. Por isso, as palavras do Pontífice são explícitas ao chamar todos os cristãos à oração por esta intenção: «Rezemos pelo acolhimento generoso das vítimas do tráfico de pessoas, da prostituição forçada e da violên-

cia». Eis a amarga constatação do Pontífice: «Mesmo se tentarmos ignorá-la, a escravidão não é algo de outros tempos. Diante desta realidade trágica, ninguém pode lavar as mãos se não quiser ser, de certa maneira, cúmplice deste crime contra a humanidade. Não podemos ignorar que hoje existe a escravidão no mundo, tanto ou até mais do que antes». Face a um fenómeno tão difundido e criminoso, o Papa exorta a rezar «pelo acolhimento generoso das vítimas do tráfico de pessoas, da prostituição forçada e da violência». Traduzido em nove línguas, o vídeo foi preparado para a Rede mundial de oração do Papa pela agência La Machi, que se ocupa da produção e da distribuição, em colaboração com Vatican Media que fez a sua gravação.

#### L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS  
Unicuique suum Non praevalebunt

Cidade do Vaticano  
ed.portugues@ossrom.va  
[www.osservatoreromano.va](http://www.osservatoreromano.va)

ANDREA MONDA  
diretor  
Giuseppe Fiorentino  
vice-diretor  
Alicia Lopes Araújo  
redatora-chefe  
Redação

via del Pellegrino, 00120 Cidade do Vaticano  
telefone +390669899420 fax +390669883675

TIPOGRAFIA VATICANA EDITRICE  
L'OSSERVATORE ROMANO

Serviço fotográfico  
telefone +390669884797  
fax +390669884998  
photo@ossrom.va

Assinaturas: Itália - Vaticano: € 58,00; Europa: € 100,00 - U.S. \$ 148,00; América Latina, África, Ásia: € 110,00 - U.S. \$ 160,00; América do Norte, Oceânia: € 162,00 - U.S. \$ 240,00.

Administração: telefone +390669899480; fax +390669883644; e-mail: [assinaturas@ossrom.va](mailto:assinaturas@ossrom.va)

Para o Brasil: Impressão, Distribuição e Administração: Editora santuário, televidens: 0800-160004, fax: 0053123042036, e-mail: [sac@editorasantuario.com.br](mailto:sac@editorasantuario.com.br)

Publicidade Il Sole 24 Ore S.p.A., System Comunicazione Pubblicitaria, Via Monte Rosa, 91, 20149 Milano, [segreteria@redirezionestem@ilssole24ore.com](mailto:segreteria@redirezionestem@ilssole24ore.com)

## ANGELUS

Apelo contra o tráfico de seres humanos

## Denunciar os casos de exploração e escravidão

*Todos devem colaborar para a luta contra o tráfico de seres humanos, denunciando «os casos de exploração e escravidão de homens, mulheres e crianças», pediu o Papa no final do Angelus recitado na praça de São Pedro ao meio-dia de domingo, 10 de fevereiro, recordando o Dia mundial contra o tráfico de pessoas, celebrado no dia 8. Precedentemente, o Pontífice dedicou a sua reflexão ao trecho evangélico de Lucas (5, 1-11) que narra a chamada de Pedro.*

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

O Evangelho de hoje (cf. *Lc 5, 1-11*) propõe-nos, na narração de Lucas, a chamada de São Pedro. O seu nome – sabemos – era Simão, e ele era pescador. Na margem do lago de Galileia, Jesus vê-o a consertar as redes, juntamente com outros pescadores. Encontra-o cansado e desiludido, porque naquela noite nada tinham pescado. E Jesus surpreende-o com um gesto imprevisto: entrou no seu barco e pediu-lhe que se afastasse um pouco da terra porque queria ensinar dali ao povo – havia muita gente. Assim Jesus senta-se no barco de Simão e ensina à multidão reunida ao longo das margens. Mas as suas palavras voltam a abrir à confiança também o coração de Simão. Então Jesus, com outro “gesto” surpreendente, diz-lhe: «Faz-te ao largo; e, vós lançai as redes para a pesca» (v. 4).

Simão responde com uma objeção: «Mestre, trabalhamos durante toda a noite e nada apanhamos...». E, como pescador perito, teria podido acrescentar: “Se nada apanhamos de noite, muito menos apanharemos de dia”. Ao contrário, inspirado pela presença de Jesus e iluminado pela sua Palavra, diz: «...mas porque Tu o dizes, lançarei as redes» (v. 5). É a resposta da fé, que também nós somos chamados a dar; é a atitude de disponibilidade que o Senhor pede a todos

os seus discípulos, sobretudo a quantos desempenham tarefas de responsabilidade na Igreja. E a obediência confiante de Pedro gera um resultado prodigioso: «Assim fizeram e apanharam uma grande quantidade de peixes» (v. 6).

Trata-se de uma pesca milagrosa, sinal do poder da palavra de Jesus: quando nos colocamos com generosidade ao seu serviço, Ele realiza maravilhas em nós. Assim age em relação a cada um de nós: pedenos que o recebamos no barco da nossa vida, para voltar a partir com Ele e sulcar um novo mar, que se revela cheio de surpresas. O seu convite a nos fazermos ao largo no mar da humanidade do nosso tempo, para ser testemunhas de bondade e de misericórdia, confere um novo sentido à nossa existência, que muitas vezes corre o risco de se nivelar sobre si mesma. Às vezes podemos ficar surpreendidos e hesitantes diante da chamada que o Mestre divino nos dirige, e sentimo-nos tentados a rejeitá-la por causa da nossa inaptidão. Também Pedro, depois da inacreditável pes-



Representação iconográfica de Santa Josefina Bakhita



Imagem tirada da mensagem vídeo para o mês de fevereiro enviada pelo Papa Francisco à rede mundial de oração

ca, disse a Jesus: «Senhor, afasta-te de mim porque sou pecador» (v. 8). É bonita esta oração humilde: “Senhor, afasta-te de mim porque sou pecador”. Mas disse-o de joelhos, diante d’Aquele que já reconhece como “Senhor”. E Jesus encoraja-o, dizendo: «Não temas; doravante serás pescador de homens» (v. 10) porque, se confiarmos em Deus, Ele liberta-nos do nosso pecado e abre à nossa frente um novo horizonte: colaborar para a sua missão.

O maior milagre feito por Jesus para Simão e os demais pescadores desiludidos e cansados, não é tanto a rede cheia de peixes, quanto o facto de os ter ajudado a não ser vítimas da desilusão e do desencorajamento, diante das derrotas. Abriu-os para que se tornassem anunciadores e testemunhas da sua palavra e do reino de Deus. E a resposta dos discípulos foi imediata e total: «Depois de terem reconduzido os barcos para terra, deixaram tudo e seguiram-no» (v. 11). A Virgem Santa, modelo de adesão imediata à vontade de Deus, nos ajude a sentir o fascínio da chamada do Senhor, e nos torne disponíveis a colaborar com Ele para difundir por toda a parte a sua palavra de salvação.

*Após a prece mariana, depois do novo apelo contra o tráfico de pessoas, o Papa convidou os fiéis a recitar uma prece a Santa Josefina Bakhita, padroeira das vítimas deste flagelo.*

Estimados irmãos e irmãs!

Há dois dias, na memória litúrgica de Santa Josefina Bakhita, teve lugar o quinto “Dia mundial contra o tráfico de pessoas”. O lema deste ano é: “Juntos contra o tráfico” [na praça, aplaudem] – Mais uma vez! [repetem]: “Juntos contra o tráfico!” Não esqueçais isto! Convida a unir as forças para vencer este desafio. Estou grato a todos aqueles que combatem nesta frente, em particular muitas religiosas. Dirijo um apelo especialmente aos gover-

nos, a fim de que sejam enfrentadas com decisão as causas de tal flagelo e sejam protegidas as vítimas. Porém, todos podemos e devemos colaborar, denunciando os casos de exploração e escravidão de homens, mulheres e crianças. A oração é a força que sustenta o nosso compromisso comum. Por isso, agora convido-vos a recitar juntamente comigo a *prece* a Santa Josefina Bakhita, que foi distribuída na praça. Oremos juntos:

Santa Josefina Bakhita, quando eras criança foste vendida como escrava e tiveste que enfrentar dificuldades e sofrimentos indizíveis.

Uma vez libertada da tua escravidão física, obtiveste a verdadeira redenção no encontro com Cristo e com a sua Igreja.

Santa Josefina Bakhita, ajuda todos aqueles que estão presos na escravidão.

Em seu nome, intercede junto do Deus da misericórdia, de modo que as correntes do seu cativo possam ser quebradas.

Possa o próprio Deus libertar todos os que foram ameaçados, feridos ou maltratados pelo tráfico e pelo contrabando de seres humanos. Leva alívio a quantos sobrevivem a esta escravidão e ensina-os a ver Jesus como modelo de fé e esperança, de maneira que possam curar as próprias feridas.

Suplicamos-te que rezes e intercedas por todos nós: a fim de não cairmos na indiferença, para abriremos os olhos e podermos ver as misérias e as feridas de tantos irmãos e irmãs privados da sua dignidade e da sua liberdade, e ouvir o seu grito de ajuda. Amém!

Santa Josefina Bakhita, intercede por nós!

Saúdo todos vós, romanos e peregrinos! De modo particular, os fiéis de Verona e o grupo de “Mendigos de Sonhos”, de Schio.

Desejo bom domingo a todos! Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista!

«O Médio Oriente deve tornar-se terra de paz, não pode continuar a ser terreno de conflito», reiterou o Papa Francisco no discurso dirigido aos membros da Comissão mista internacional para o diálogo teológico entre a Igreja católica e as Igrejas ortodoxas orientais, durante a audiência realizada na manhã de 1 de fevereiro. Depois da saudação que lhe dirigiu o bispo Kyrillos, co-presidente da Comissão, o Pontífice pronunciou o seguinte discurso.

Queridos irmãos!

«Como é bom e agradável que os irmãos vivam unidos!» (Sl 133, 1). Com estas palavras do Salmo douvo as minhas cordiais boas-vindas, agradecendo-vos o vosso compromisso a caminhar pelas sendas da unidade, fazendo-o com ânimo fraterno! É uma alegria para mim receber-vos a cada dois anos em Roma por ocasião do vosso diálogo, que no ano passado se realizou na Sede de Santa Etchmiadzin a convite da Igreja Apostólica Arménia. Através de vós, transmito a saudação aos



À Comissão para o diálogo teológico entre católicos e ortodoxos

## O Médio Oriente deve tornar-se terra de paz

meus veneráveis e estimados Irmãos, Chefes das Igrejas Ortodoxas Orientais. Agradeço as cordiais palavras ao Bispo Kyrillos, novo co-Presidente da Comissão, a quem garanto a minha oração e desejo de coração bom trabalho. Desejo recordar também com gratidão o seu predecessor, o querido Metropolita Anba Bishoy, que foi o primeiro co-Presi-

dente, falecido recentemente. Unome a vós na oração por ele.

No final desta semana de trabalho, décima sexta sessão da vossa Comissão, podemos juntos dar graças ao Senhor pelos frutos já colhidos ao longo do caminho. O vosso diálogo ilustra bem como entre Oriente e Ocidente as «várias fór-

mulas teológicas, em vez de se oporem, não poucas vezes se completam mutuamente» (*Unitatis redintegratio*, 17), como declarou o Concílio Vaticano II, do qual recordámos recentemente o sexagésimo aniversário do anúncio. Rezo e encorajo-vos a fim de que a vossa atual reflexão sobre os Sacramentos possa ajudar-nos a prosseguir o percurso rumo à plena comunhão, à celebração comum da sagrada Eucaristia. Dedicastes esta sessão para refletir sobre o sacramento do Matrimónio. Gosto de pensar no que afirma o Génesis: «Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher» (Gn 1, 27). O homem é plenamente a imagem de Deus não quando está sozinho mas quando vive na comunhão estável de amor, porque Deus é comunhão de amor. Estou certo de que o vosso trabalho, realizado num clima de grande concórdia, irá beneficiar a família dos filhos de Deus, a Esposa de Cristo, que desejamos apresentar ao Senhor «sem mancha

CONTINUA NA PÁGINA 11

Decreto da Congregação para o culto divino e a disciplina dos sacramentos

## Paulo VI no Calendário romano geral

A memória litúrgica será a 29 de maio

Jesus Cristo, plenitude do homem, vivo e agindo na Igreja, convida todos os homens ao encontro transfigurante com Ele, «caminho, verdade e vida» (Jo 14, 6). Os Santos percorreram este caminho. Fê-lo Paulo VI, seguindo o exemplo do Apostolo do qual assumiu o nome no momento no qual o Espírito Santo o escolheu como Sucessor de Pedro.

Paulo VI (de nome, João Baptista Montini) nasceu a 26 de Setembro de 1897 em Concesio (Brécia), na Itália e foi ordenado sacerdote a 29 de Maio de 1920. Desde 1924 colaborou com os Sumo Pontífices Pio XI e Pio XII e, ao mesmo tempo, exerceu o ministério sacerdotal junto dos jovens universitários. Nomeado Substituto da Secretaria de Estado, durante a Segunda Guerra Mundial, empenhou-se em dar exílio aos hebreus perseguidos e também aos refugiados. Sucessivamente foi nomeado Pró-Secretario de Estado para os Assuntos Gerais da Igreja, razão pela qual conheceu e encontrou muitos impulsionadores do movimento ecuménico. Nomeado Arcebispo de Milão, dedicou-se inteiramente ao cuidado da diocese. Em 1958, foi elevado à dignidade de Cardeal da Santa Romana Igreja por São João XXIII, e, depois da morte deste, foi eleito à cátedra de Pedro em 21 de Junho de 1963. Perseverou infatigavelmente na obra iniciada pelos seus predecessores, em particular, levando a cabo o Concílio Vaticano II. Levou a bom termo numerosas iniciativas como sinal da sua viva solicitude nos confrontos da Igreja com o mundo contemporâneo. Entre estas, recordam-se as suas viagens na qualidade de peregrino, realizadas como actividade apostólica e que serviam, por um lado a preparar a unidade dos Cristãos, e por outro, a reivindicar a importância dos direitos fundamentais dos homens. Exerceu ainda o seu Magistério em favor da paz, promoveu o progresso dos povos e a inculturação da fé. Deu cumprimento à reforma litúrgica aprovando ritos e orações seguindo ao mesmo tempo a tradição e adaptando-os aos novos tempos e promulgando com a sua autoridade,

para o Rito Romano, o Calendário, o Missal, a Liturgia das Horas, o Pontifical e quase todos os Rituais, a fim de favorecer a participação dos fiéis na liturgia. Do mesmo modo, empenhou-se em que as celebrações pontificias fossem revestidas de uma forma mais simples. A 6 de Agosto de 1978, em Castel Gandolfo, entregou a alma a Deus e, segundo as suas directrizes, foi sepultado humildemente, do mesmo modo como tinha vivido.

Deus, Pastor e guia de todos os fiéis, confia a sua Igreja, peregrina no tempo, àqueles que Ele mesmo constituiu vigários do seu Filho. Entre estes, resplandece São Paulo VI que uniu na sua pessoa a fé límpida de São Pedro e o zelo missionário de São Paulo. A sua consciência de ser Pedro, aparece clara se nos recordamos de que, em 10 de Junho de 1969, na visita ao Conselho Mundial das Igrejas, em Genebra, se apresentou dizendo: «O meu nome é Pedro»; mas a missão pela qual se sentia eleito deriva, também, do nome escolhido. Como Paulo, consumou a sua vida pelo Evangelho de Cristo, cruzando novas fronteiras e fazendo-se testemunha d'Ele no anúncio e no diálogo, profeta de uma Igreja extrovertida que olha para os distantes e cuida dos pobres. A Igreja, de facto, foi sempre o seu amor constante, a sua solicitude primordial, o seu pensamento fixo, o primeiro e fundamental fio condutor do seu pontificado, porque queria que a Igreja tivesse melhor consciência de si mesma e pudesse levar cada vez mais longe o anúncio do Evangelho.

Considerada a santidade de vida deste Sumo Pontífice, testemunhada nas obras e palavras, e tendo em conta o grande influxo exercitado pelo seu magistério apostólico pela Igreja espalhada por toda a terra, o Santo Padre Francisco, acolhendo a petição e os desejos do Povo de Deus, dispôs que a celebração de São Paulo VI, papa, seja inscrita no Calendário Romano Geral, a 29 de Maio, com o grau de memória facultativa.

Esta nova memória deverá ser inserida em todos os Calendários e Livros Litúrgicos para a celebração da Missa e da Liturgia das Horas. Os



Dina Bellotti, «Paulo VI»

textos litúrgicos a adoptar, em anexo ao presente decreto, devem ser traduzidos, aprovados e, depois da confirmação deste Dicastério, publicados sob a autoridade da Conferência Episcopal.

Não obstante qualquer disposição contrária,

Da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, 25 de Janeiro de 2019, festa da Conversão de São Paulo, apóstolo.

ROBERT CARD. SARAH  
Prefeito

ARTHUR ROCHE  
Arcebispo Secretário

## CATEQUESE

Sobre a viagem aos Emirados Árabes Unidos

## Cristianismo e islão juntos pela paz no mundo

*O diálogo entre cristianismo e islão é um «fator decisivo para a paz no mundo de hoje». Disto está totalmente convencido o Papa Francisco que nos «vários momentos da visita» realizada nos dias passados aos Emirados Árabes Unidos rezou por esta intenção. Ele mesmo o confidenciou na audiência geral de quarta-feira, 6 de fevereiro, durante a qual reviveu com os fiéis presentes na Sala Paulo VI todas as etapas da viagem a Abu Dhabi.*

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Nos dias passados realizei uma breve Viagem Apostólica aos Emirados Árabes Unidos. Uma Viagem breve mas muito importante que, no seguimento do encontro de 2017 em Al-Azhar, no Egito, escreveu uma nova página na história do diálogo entre Cristianismo e Islão e no compromisso por promover a paz no mundo com base na fraternidade humana.

Pela primeira vez um Papa se deslocou à península arábica. E a Providência quis que fosse um Papa de nome Francisco, 800 anos depois da visita de São Francisco de Assis ao sultão al-Malik al-Kamil. Pensei muitas vezes em São Francisco durante esta Viagem: ajudava-me a manter no coração o Evangelho, o amor de Jesus Cristo, enquanto vivia os vários momentos da visita; no meu coração estava o Evangelho de Cristo, a oração ao Pai por todos os seus filhos, sobretudo pelos mais pobres, pelas vítimas das injustiças, das guerras, da miséria...; a prece para que o diálogo entre Cristianismo e Islão seja fator decisivo para a paz no mundo de hoje.

Agradeço de coração ao Príncipe Herdeiro, ao Presidente, ao Vice-Presidente e a todas as Autoridades dos Emirados Árabes Unidos, que me acolheram com grande gentileza. Aquele país cresceu muito nos últimos decénios: tornou-se uma encruzilhada entre Oriente e Ocidente, um “oásis” multiétnico e multirreligioso, e por conseguinte um lugar apropriado para promover a cultura do encontro. Exprimo profundo reconhecimento ao Bispo Paul Hinder, Vigário Apostólico da Arábia do Sul, que preparou e organizou o evento para a comunidade católica, e o meu “obrigado” alarga-se com afeto aos sacerdotes, religiosos e leigos que animam a presença cristã naquela terra.

Tive a oportunidade de saudar o primeiro sacerdote – noventa anos de idade – que fora lá para fundar muitas comunidades. Está numa

cadeira de rodas, cego, mas o sorriso não esmorece dos seus lábios, o sorriso de ter servido o Senhor e de ter praticado tanto bem. Saudei também outro sacerdote de noventa anos – mas este caminha e continua a trabalhar. Muito bem! – e muitos outros sacerdotes que estão lá ao serviço das comunidades cristãs de rito latino, de rito sírio-malabar, de rito sírio-malancar, de rito maronita provenientes do Líbano, da Índia, das Filipinas e de outros países.

Além dos discursos, em Abu Dhabi foi dado mais um passo: o Grão-Imã de Al-Azhar e eu assinámos o *Documento sobre a Fraternidade Humana*, no qual juntos afirmamos a comum vocação de todos os homens e mulheres a serem irmãos enquanto filhos e filhas de Deus, condenamos qualquer forma de violência, sobretudo a que se reveste de motivações religiosas, e nos comprometemos a difundir no mundo os valores autênticos e a paz. Este documento será estudado nas escolas e nas universidades de muitos países. Mas também eu vos recomendo que o leiais e conheçais, porque dá muitos estímulos para ir em frente no diálogo sobre a fraternidade humana.



Numa época como a nossa, na qual é grande a tentação de ver em curso um confronto entre as civilizações cristã e islâmica, e também de considerar as religiões como fontes de conflito, quisemos dar mais um sinal, claro e decidido, que ao contrário é possível encontrar-se, é possível respeitar-se e dialogar, e que, mesmo na diversidade das culturas e das tradições, o mundo cristão e islâmico apreciam e tutelam valores comuns: a vida, a família, o sentido religioso, a honra pelos idosos, a educação dos jovens, e outros ainda.

Nos Emirados Árabes Unidos vive aproximadamente um milhão de cristãos: trabalhadores originários de vários países da Ásia. Ontem de manhã encontrei-me com uma representação da comunidade católica na *Catedral* de São José em Abu Dhabi – um templo muito simples – e depois, a seguir a este encontro, celebri para todos. Eram muitíssimos! Dizem que entre os que estavam dentro do estádio, que tem capacidade para 40 mil pessoas, e quantos estavam diante dos ecrans

fora do estádio, se contavam 150 mil! Celebri a Eucaristia no estádio da cidade anunciando o Evangelho das Bem-Aventuras. Na *Missa*, concelebrada com os Patriarcas, os Arcebispos-Mores e os Bispos presentes, rezámos de modo particular pela paz e a justiça, com especial intenção pelo Médio Oriente e o Iémen.

Queridos irmãos e irmãs, esta Viagem faz parte das “surpresas” de Deus. Portanto louvemos a Ele e à sua providência, e rezemos para que as sementes espalhadas deem fruto segundo a sua santa vontade.

*No final da catequese o Santo Padre saudou os grupos presentes, em especial os de língua portuguesa e os médio-orientais.*

Saúdo cordialmente os peregrinos de língua portuguesa, em particular os fiéis de São José dos Campos, com votos de que tragais sempre no coração o amor de Jesus, como Francisco de Assis, e a oração ao Pai celeste por todos os seus filhos, especialmente por quantos não têm paz. Sobre vós e vossas famílias desça a bênção de Deus!

Dirijo uma cordial saudação aos peregrinos de língua árabe, em especial aos provenientes do Médio Oriente. No terreno bom dos Emirados Árabes Unidos foi lançada a semente da fraternidade humana. Peçamos a Deus que a faça crescer, frutificar e tornar-se uma árvore que abraça todos. O Senhor abençoe quantos fizeram com que esta viagem fosse possível.

Dirijo um pensamento especial aos jovens, aos doentes, aos recém-casados e aos idosos. A todos desejo que a visita à Cidade Eterna estimule a aprofundar a Palavra de Deus para poder anunciar que Jesus é o nosso Salvador e a nossa verdadeira paz.



*Inclusive nas outras cidades dos Emirados se reza pela visita do Pontífice: na foto (Reuters) fiéis diante da igreja católica de Santa Maria no bairro Oud Metha de Dubai*



## Mensagem de fraternidade universal

Entrevista ao cardeal secretário de Estado na vigília da partida para os Emirados Árabes Unidos

Uma viagem “histórica” com a esperança de escrever uma nova página nas relações entre as religiões, disse o cardeal secretário de Estado, Pietro Parolin, na entrevista concedida a Roberto Piermarini de Vatican news sobre a visita que o Papa realiza aos Emirados Árabes Unidos de 3 a 5 de fevereiro. Os dois momentos principais da viagem são o encontro inter-religioso no Founder’s Memorial de Abu Dhabi e a Missa no Zayed Sport City.

*Francisco é o primeiro Papa em visita aos Emirados Árabes Unidos. Quais são as perspectivas para esta viagem que muitos definiram histórica?*

Sim, é a primeira vez que um Papa visita os Emirados Árabes Unidos e, mais em geral, a península arábica. Gostaria de evidenciar, antes de tudo, as características desta terra, que se apresenta como uma ponte entre o Oriente e o Ocidente. É suficiente pensar nos voos com escala: geralmente, para ir ao Oriente é necessário passar por algum aeroporto dos Emirados Árabes Unidos. É uma terra que se caracteriza precisamente por ser multicultural, multiétnica e multirreligiosa. À esta realidade, o Papa vai sobretudo, como ele mesmo disse na mensagem vídeo que transmitiu por ocasião da viagem, para escrever uma nova página – pelo menos esta é a ideia, a expectativa e a esperança – na história das relações entre as religiões, confirmando principalmente o conceito de fraternidade. E haverá uma mensagem a todos os líderes e membros das religiões a fim de que se comprometam juntos a construir a unidade, a paz e a harmonia no mundo. Naturalmente, o Papa encontrar-se-á também com a comunidade cristã, uma comunidade católica, e para os irmãos e irmãs na fé a sua presença será de conforto e encorajamento para prosseguir no seu testemunho cristão.

*O Papa Francisco participará no Encontro inter-religioso que terá lugar em Abu Dhabi. Num mundo ferido pelos fundamentalismos, que papel desempenham estes eventos?*

Acredito que desempenhamos um papel fundamental porque mais uma vez as religiões se reúnem para confirmar a mensagem da fraternidade universal. Somos todos irmãos, todos temos a mesma dignidade, partilhamos os mesmos direitos e os mesmos deveres, somos filhos do mesmo Pai do céu. Portanto, a comum pertença à humanidade é reencontrar a

raiz da nossa fraternidade. E tudo isto, naturalmente, em vista de uma luta muito clara, muito explícita contra qualquer tipo de fundamentalismo, contra qualquer tipo de radicalismo que pode levar ao conflito e à contraposição, e em vista de construir caminhos de reconciliação e de paz. Poderíamos usar uma imagem, dado que ali há muito deserto: muitas vezes os caminhos do deserto são cobertos pela areia, as tempestades fazem com que desapareçam. Trata-se de os reencontrar e recomençar a percorrê-los, todos juntos, de modo a oferecer verdadeiramente uma esperança ao nosso mundo tão dividido e fragmentado.

*Cerne desta viagem é a celebração eucarística no estádio da capital: a presença do Papa nesta área será apoio e esperança inclusive para muitos cristãos que não podem viver livremente a própria fé? Os seus votos...*

Sim, dizia antes que são muitos os cristãos que vivem lá; muitos cristãos provenientes de países próximos mas também de outras partes do mundo vão para aquela terra a fim de encontrar oportunidades de trabalho e, ao mesmo tempo, a sua presença ali torna-se uma experiência de encontro com o outro. Parece-me que devemos frisar também a vontade e o compromisso das autoridades destes Estados, destes países para os tornar modelos de convivência e de colaboração entre os diversos componentes. Por conseguinte, esperamos que os cristãos que lá estão possam continuar a oferecer o seu contributo para a construção daquela sociedade, e mais em geral, para a paz e a reconciliação no mundo. E aos irmãos e irmãs católicos que têm dificuldades e fazem muitos sacrifícios para viver a própria fé, gostaria de dizer neste momento que estamos próximos deles, que deveras sentimo-nos unidos a eles por uma fraternidade cristã de fundo e que fazemos tudo para os ajudar através dos meios que temos à nossa disposição.

*Vossa Eminência foi aos Emirados Árabes em 2015, onde inaugurou uma igreja. Que realidade encontrará hoje o Papa?*

Poderia sintetizar um pouco as características dessa Igreja – que pude verificar há alguns anos por ocasião da consagração de uma nova igreja dedicada a São Paulo Apóstolo – com três adjetivos. Antes de tudo é uma Igreja numerosa; é uma Igreja multifacetada, pois é formada por fiéis pertencentes a diversas

culturas com várias línguas e ritos e que se torna, num certo sentido, um laboratório de unidade e de comunhão, porque o desafio consiste precisamente nisto, inclusive no âmbito desta diversidade, destas diferenças tão acentuadas, de encontrar na Igreja uma casa comum. Provavelmente, não faltam dificuldades nem, às vezes, tensões. Mas parece-me que há deveras um esforço por parte de todos, sob a guia dos pastores locais, para viver uma comunhão autêntica. A terceira característica: é uma Igreja muito dinâmica, cheia de vida, plena de vitalidade no seu interior; seria suficiente participar nas celebrações desta comunidade – e o Papa celebrará a Missa – para ver que se trata de comunidades vibrantes, que participam plenamente nas celebrações litúrgicas e, ao mesmo tempo, engajadas a dar testemunho no ambiente em que se encontram e a pôr-se ao serviço da sociedade na qual vivem e trabalham.



*A comunidade católica da cidade portuária de Jebel Ali que se reúne na igreja de São Francisco de Assis (Reuters)*

# O cristão é o homem das bem-aventuranças

## Celebração da missa conclusiva em Abu Dhabi

*No estádio Zayed Sports City de Abu Dhabi, na manhã de 5 de fevereiro, o Papa Francisco presidiu à santa missa "pela paz e pela justiça". Durante a celebração, último encontro público da viagem aos Emirados Árabes Unidos, o Pontífice pronunciou a seguinte homília.*

*Felizes:* é a palavra com que Jesus começa a sua pregação no Evangelho de Mateus. E é o refrão que Ele repete hoje, como se quisesse antes de mais nada fixar no nosso coração uma mensagem basilar: se estás com Jesus, se gostas – como os discípulos de então – de escutar a sua palavra, se procuras vivê-la cada dia, és feliz. Não serás feliz, mas és feliz: aqui está a primeira realidade da vida cristã. Esta não aparece como uma lista de prescrições exteriores para se cumprir, nem como um conjunto complexo de doutrinas para se conhecer. Primariamente, não é isso, mas saber que somos, em Jesus, filhos amados do Pai. É viver a alegria desta bem-aventurança, é compreender a vida como uma história de amor: a história do amor fiel de Deus, que nunca nos abandona e quer fazer comunhão connosco sempre. Eis o motivo da nossa alegria, uma alegria que nenhuma pessoa no mundo nem nenhuma circunstância da vida pode tirar-nos. É uma alegria que dá paz mesmo na dor, que já agora nos faz saborear a felicidade que nos espera para sempre. Amados irmãos e irmãs, na alegria de vos encontrar, esta é a palavra que vim dizer-vos: *Felizes!*

Embora Jesus designe felizes os seus discípulos, todavia não deixa de surpreender o motivo de cada uma das Bem-aventuranças. Neles, vemos uma inversão do pensar comum, segundo o qual são felizes os ricos, os poderosos, aqueles que têm sucesso e são aclamados pela multidão. Para Jesus, ao contrário, felizes são os pobres, os mansos, os que permanecem justos, mesmo à custa de fazerem má figura, os perseguidos. Quem tem razão: Jesus ou o mundo? Para compreender, vejamos como viveu Jesus: pobre de coisas e rico de amor, curou muitas vidas, mas não poupou a sua. Veio para servir e não para ser servido; ensinou que não é grande quem tem, mas quem dá. Justo e manso, não opôs resistência e deixou-Se condenar injustamente. E, assim, Jesus trouxe o amor de Deus ao mundo. Só assim derrotou a morte, o pecado, o medo e o próprio mundanismo: unicamente com a força do amor divino. Peçamos hoje, aqui juntos, a graça de voltar a descobrir o encanto de seguir Jesus, de O imitar, de nada mais procurar senão a Ele e seu amor humilde. Com efeito, é na comunhão com Ele e no amor pelos outros que está o sentido da vida na terra. Acreditais nisto?

Vim também para vos agradecer pelo modo como viveis o Evangelho que ouvimos. Diz-se que, entre o Evangelho escrito e o Evangelho vivido há a mesma diferença que existe entre a música escrita e a música tocada. Vós aqui conheceis a melodia do Evangelho, e viveis o entusiasmo do seu ritmo. Formais um coro que engloba uma variedade de nações, línguas e ritos; uma diversi-

dade que o Espírito Santo ama e quer harmonizar cada vez mais para fazer uma sinfonia. Esta jubilosa polifonia da fé é um testemunho que dais a todos e que edifica a Igreja. Impressionou-me aquilo que uma vez me disse D. Hinder: não só ele se sente vosso Pastor, mas também vós, com o vosso exemplo, fazeis



muitas vezes de pastor para ele. Obrigado por isto!

Mas, viver como «felizes» e seguir o caminho de Jesus não significa estar sempre alegres. Quem está aflito, quem padece injustiças, quem se prodigaliza como pacificador sabe o que significa sofrer. Com certeza não é fácil, para vós, viver longe de casa e talvez sentir, além da falta das afeições mais queridas, a incerteza do futuro. Mas o Senhor é fiel e não abandona os seus. A propósito, pode ajudar-nos um episódio da vida do Abade Santo Antão, o grande iniciador do monaquismo no deserto. Deixara tudo pelo Senhor, e encontrava-se no deserto. Aqui, durante um bom período de tempo, viveu mergulhado numa áspera luta espiritual que não lhe dava tréguas, assaltado por dúvidas e obscuridades e ainda pela tentação de ceder à nostalgia e suspiros pela vida passada. Quando depois de tanto tormento o Senhor o consolou, Santo Antão perguntou-lhe: «Onde estáveis? Porque não aparecestes antes para me libertar dos sofrimentos? Onde estáveis?». Então ouviu distintamente a resposta de Jesus: «Eu estava aqui, Antão» (SANTO ATANÁSIO, *Vita Antonii*, 10). O Senhor está perto. Confrontados com a provação ou um período difícil, pode acontecer de pensar que estamos sozinhos, mesmo depois de ter passado muito tempo com o Senhor; nesses momentos,

porém, ainda que Ele não interveja imediatamente, caminha ao nosso lado e, se continuarmos a avançar, o Senhor abrirá um caminho novo. Pois Ele é especialista em fazer coisas novas, sabe abrir caminhos mesmo no deserto (cf. *Is* 43, 19).

Amados irmãos e irmãs, gostaria ainda de vos dizer que viver as Bem-aventuranças não requer gestos fulgurantes. Olhemos para Jesus: não deixou nada escrito, não construiu nada de imponente. E, quando nos disse como viver, não pediu para er-

aos sarracenos e não-cristãos. Escreveu ele: «Que não entrassem em lutas nem disputas, mas se mantivessem sujeitos a toda a criatura humana por amor de Deus e confessassem que eram cristãos» (*Regra não bulada*, XVI). *Nem lutas nem disputas* – e isto é válido também para os sacerdotes – nem lutas nem disputas: naquele tempo em que muitos partiam revestidos de pesadas armaduras, São Francisco lembrou que o cristão parte armado apenas com a sua fé humilde e o seu amor concreto. É importante a mansidão: se vivermos no mundo à maneira de Deus, tornar-nos-emos canais da sua presença; caso contrário, não daremos fruto.

A segunda Bem-aventurança: «Felizes os pacificadores!» (*Mt* 5, 9). O cristão promove a paz, a começar pela comunidade onde vive. No livro do Apocalipse, entre as comunidades a que se dirige o próprio Jesus, acho que há uma parecida com a vossa: a de Filadélfia. É uma Igreja à qual o Senhor – ao contrário do que sucede com quase todas as outras – não censura nada. De facto, ela guardou a palavra de Jesus, sem renegar o seu nome, e perseverou (isto é, caminhou para diante) mesmo nas dificuldades. E há um aspecto importante: o termo Filadélfia significa *amor entre os irmãos*; o amor fraterno. Então uma Igreja que perseverou na palavra de Jesus e no amor fraterno é agradável ao Senhor e produz fruto. Para vós, peço a graça de preservar a paz, a unidade, de cuidar uns dos outros numa bela fraternidade, onde não haja cristãos de primeira classe e de segunda.

Jesus, que vos chama «felizes», vos conceda a graça de caminhardes sempre para diante sem vos desencorajar, crescendo no amor «uns para com os outros e para com todos» (*1 Ts* 3, 12).

*Após a conclusão da missa, o Papa Francisco saudou os numerosos fiéis presentes no estádio, proferindo estas palavras.*

Antes de concluir esta celebração, que me deu tanta alegria, quero dirigir a minha afetuosa saudação a todos vós, que nela participastes: fiéis caldeus, coptas, greco-católicos, greco-melquitas, latinos, maronitas, sírio-católicos, sírio-malabares, sírio-malancares.

Agradeço cordialmente a D. Hinder a preparação desta visita e todo o seu trabalho pastoral. Um «obrigado» caloroso aos Patriarcas, Arcebispos-Mores e outros Bispos presentes, aos sacerdotes, às pessoas consagradas e aos numerosos leigos empenhados, com generosidade e espírito de serviço, nas comunidades e a favor dos mais pobres.

Saúdo e agradeço aos «*eyal Zayid fi dar Zayid* / aos filhos de Zayid, na casa de Zayid».

Que a nossa Mãe, Maria Santíssima, vos guarde no amor à Igreja e no jubiloso testemunho do Evangelho. Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim!





Mensagem vídeo ao World Government Summit

# Não há desenvolvimento sustentável sem solidariedade

«Não se pode falar de desenvolvimento sustentável sem solidariedade», afirmou o Papa Francisco numa mensagem vídeo enviada aos participantes no VII World Government Summit, em curso na cidade de Dubai, nos Emirados Árabes Unidos, de 10 a 12 de fevereiro.

Estimados amigos  
Al Salamù Alaikum /  
A paz esteja convosco!

Desejo saudar-vos e desejar-vos bom trabalho! Trago no coração a visita que acabei de realizar aos Emirados Árabes Unidos e o caloroso acolhimento que recebi. Encontrei um país moderno, que olha para o futuro, sem se esquecer das raízes. Um país onde se procura transformar em ações e iniciativas concretas as palavras tolerância, fraternidade, respeito recíproco, liberdade. Vi que até no deserto as flores germinam e crescem. E voltei para casa

com a esperança de que muitos desertos no mundo possam florescer. Acho que isto é possível, mas somente se crescermos juntos, uns ao lado dos outros, com abertura e respeito, dispostos a responsabilizar-nos pelos problemas de todos, que na aldeia global são os problemas de cada um.

Penso em vós e no vosso compromisso destes dias, nos quais enfrentais temas fundamentais, entre os quais os desafios da política, o desenvolvimento da economia, a salvaguarda do meio ambiente, o emprego das tecnologias. Desejo-vos que a pergunta na base das reflexões não seja tanto *quais são as melhores oportunidades a desfrutar?*, mas *que tipo de mundo queremos construir juntos?* É uma interrogação que nos leva a trabalhar, pensando nos povos e nas pessoas, mais do que no capital e nos interesses económicos; uma questão que não visa o amanhã imediato, mas o porvir, a responsabilidade que pesa sobre nós: transmitir

este nosso mundo a quantos vierem *depois de nós*, preservando-o da degradação ambiental e, antes ainda, moral.

Na realidade, não se pode falar de desenvolvimento sustentável sem solidariedade (cf. Carta Encíclica *Laudato si'*, 159). Poderíamos até dizer que, se não for comum, o bem não é verdadeiramente bem. Talvez nunca como agora, o pensar e o agir requeiram diálogo autêntico com o outro, porque sem o outro não há futuro para mim. Então, desejo-vos que nas vossas atividades comeceis pelos rostos das pessoas, que ouçais o grito dos povos e dos pobres, que mediteis sobre as perguntas das crianças.

Com estes pensamentos agradeço-vos e desejo-vos um trabalho profícuo ao serviço do bem comum, e peço ao Senhor que abençoe o vosso compromisso em prol de um mundo mais justo e mais próspero para todos!

## Com os jornalistas durante o voo de regresso

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 8

turo, tem futuro! E usaria dizer: «Pobre marido!» [*ri, riem*]. Tem futuro, é corajosa. Gostei, porque é preciso ter coragem para fazer aquilo. E, depois, seguiu-a outra, eram duas: viu a primeira e ganhou coragem.

*Franca Giansoldati, «Il Messaggero»: o Imã El-Tayeb denunciou a islamofobia. Por que não se ouviu nada sobre a cristianofobia ou pelo menos sobre a perseguição dos cristãos?*

Verdadeiramente eu falei da perseguição dos cristãos, não naquele momento, mas falei disso muitas vezes. E, nesta viagem, também falei — não me lembro onde — mas falei sobre isso. Não sei; acho que o Documento tratava mais de unidade e de amizade, e eu destaquei isso. Lembro-me agora que o próprio Documento condena, condena a violência. E alguns grupos, que se dizem islâmicos — embora os sábios digam que isso não é o Islã — perseguem os cristãos. Lembro-me daquele pai em Lesbos com três filhos. Teria trinta anos; não mais! Chorava e disse-me: «Sou muçulmano; a minha esposa era cristã, vieram os terroristas do Is, viram a cruz e disseram-lhe: «Converte-te!». Ela disse: «Não! Eu sou cristã». E degolaram-na na minha frente». Este é o pão diário dos grupos terroristas. Não só contra os cristãos, mas também a destruição da pessoa. Por isso, o Documento é fortemente condenatório neste sentido.

*Inés San Martín, «Crux»: tive a oportunidade de entrevistar o arcebispo de Mossul, no Iraque, o qual me disse que estão à sua espera e nega que os bispos estejam divididos a tal respeito. O Santo Padre disse que a liberdade religiosa é mais do que simples liberdade de culto. Pode-nos falar um pouco mais deste tema, pois estamos a regressar de um país que é conhecido pela*

*tolerância. Muitos católicos que estavam no Polidesportivo puderam, pela primeira vez nos Emirados Árabes Unidos, manifestar abertamente a própria fé. Se é possível uma mudança, esta prolongar-se-á para além deste dia?*

Os processos têm um princípio, não é verdade? Pode-se preparar um ato e, feito o ato, há um antes e um depois. Creio que a liberdade está sempre em processo, deve estar em processo, cada vez mais; não se deve parar. Impressionou-me uma conversa que tive, antes de sair, com um rapaz de 13 anos em Roma que me queria ver. Quis ver-me, e atendi-o. Disse-me ele: «Bem! Algumas coisas parecem-me interessantes, mas quero-lhe dizer que sou ateu. Como ateu, que devo fazer para me tornar um homem de paz?» Respondi-lhe: «Faz aquilo que sentes [que deves fazer]». E falei com ele um pouco. Gostei da coragem do rapaz: é ateu, mas procura o bem, procura este caminho da paz. Também este é um processo, um processo que devemos respeitar e acompanhar. Acompanhar todos os processos para o bem, todos, seja da «cor» que forem. E creio que estes são passos em frente.

*Alessandro Gisotti, diretor interino da sala de imprensa da Santa Sé: o tempo está a chegar ao fim. Mas há uma resposta prometida...*

É verdade! Os maus-tratos às mulheres são um problema. Usaria dizer que a humanidade ainda não amadureceu, a mulher ainda é considerada «de segunda classe». Começamos daqui — um problema cultural — e, depois, chega-se ao feminicídio. Há países onde os maus-tratos às mulheres chegam ao feminicídio. E, antes de chegar à sua pergunta concreta, uma curiosidade, que me referiram; mas vós indagai para saber se é verdade ou não. Disseram-me que a origem das joias femininas teve lugar num país muito antigo —

não sei bem, mas do Oriente — onde havia a lei de expulsar a mulher, despedi-la [repudiá-la]. Se o marido, naquele país — não sei se é verdade ou não — lhe dizia: «Vai-te embora!», naquele momento, com o que trazia vestido, tinha que sair, sem levar nada. E então as mulheres começaram a fazer joias, de ouro e pedras preciosas, a fim de ter algo para sobreviver. Não sei se é verdade ou não, mas é interessante! Indagai. Agora a sua pergunta [sobre o abuso das religiosas por parte dos clérigos]. É verdade! Dentro da Igreja, houve clérigos que fizeram também isso; numas culturas, é um pouco mais forte do que noutras; não é algo que todos fazem, mas houve padres e mesmo bispos que o fizeram. E creio que se faça ainda, porque não se trata de algo que acaba, logo que te das conta disso. E assim o problema continua. Estamos a trabalhar nisso, há algum tempo. Suspendemos alguns clérigos, expulsos por isso. E também — mas não sei se já terminou o processo — tivemos que dissolver alguma congregação religiosa feminina que padecia disso, uma forma de corrupção. Não posso dizer: «Na minha casa, isso não existe...». É verdade! Deve-se fazer algo mais? Sim. Temos vontade de o fazer? Sim. Mas é um caminho que vem de longe. O Papa Bento XVI teve a coragem de dissolver uma congregação de certo nível, porque nela entrara uma forma de manipulação das mulheres, inclusive uma manipulação sexual [como explicou o diretor interino da Sala de Imprensa, o Santo Padre, ao usar o termo escravidão, pretendia dizer «manipulação», uma forma de abuso de poder que se traduz também em abuso sexual] por parte dos clérigos ou do fundador. Às vezes, o fundador tira a liberdade, deixa as freiras sem liberdade e pode chegar a isto. A propósito do Papa Bento, gostaria de assinalar que é um homem que teve

a coragem de fazer muitas coisas neste campo. Conta-se que ele possuía toda a papelada, todos os documentos, sobre uma organização religiosa que tinha corrupção no seu interior, sexual e económica. Ele [ainda cardeal] debruçava-se sobre o caso, mas havia filtros, e não podia chegar ao problema. No fim, o Papa [São João Paulo II], com o intuito de compreender a verdade, fez uma reunião, e Joseph Ratzinger foi lá com a pasta e todos os seus documentos. E, quando voltou, disse ao seu secretário: «Coloca no arquivo; venceu a outra parte». Não devemos escandalizar-nos com isto; são passos de um processo. Mas depois, tendo-se tornado Papa, a primeira coisa que disse foi: «Traz-me do arquivo aquela papelada», e começou... Os «contos folclóricos» sobre o Papa Bento XVI mostram-no tão bom, sim, porque é bom — um bocado de pão não seria melhor que ele — é bom! Mas mostram-no também frágil, quando, de frágil, ele não tem nada! Foi um homem forte, um homem consequente nas coisas. Ele começou... E lá, naquela congregação, havia este problema que a senhora referiu. Reze para que possamos prosseguir. Eu quero prosseguir... Há casos, nalgumas congregações (especialmente novas), e mais numas regiões que noutras. Sim, esta é a situação. Estamos a trabalhar.

*Alessandro Gisotti: há uma surpresa final para uma colega que atingiu uma meta muito importante.*

Disseram-me que festejamos o 150º aniversário de Valentina [Alazraki, na sua 150ª viagem papal]! [*ri, riem*]. Eu, porém, não a vejo tão mumificada assim! É uma mulher que tem raízes interessantes. Uma vez disse-lhe: «Se a senhora precisar de fazer uma análise de sangue, fará corar o hematologista!». Muito obrigado. Rezei por mim! Não vos esqueçais, preciso disso. Obrigado!

Apelo do Papa aos políticos em defesa das crianças concebidas

## O assassínio da vida nascente mina as bases da justiça

«Todos os concebidos são filhos da inteira sociedade, e o seu assassínio em grande número, com a aprovação dos Estados, constitui um grave problema que mina pela raiz a construção da justiça». Disse o Papa aos membros do conselho diretivo do Movimento pela vida italiano,

recebidos em audiência no final da manhã de sábado, 2 de fevereiro, na sala Clementina, na vigília do quadragésimo primeiro Dia nacional pela vida, celebrado em todas as dioceses italianas no dia 3, com o tema: «É vida, é futuro».

Amados irmãos e irmãs!

Sinto-me feliz por me encontrar convosco hoje, e agradeço-vos o vosso jubiloso acolhimento! Agradeço em particular à Senhora Presidente pelas palavras fortes que me dirigiu – fortes no tom! – em nome de todo o Movimento e pelos conteúdos que expressou, recordando a vossa missão ao serviço da vida e a importância do Dia que se celebra amanhã em toda a Itália.

O Dia pela vida, instituído há 41 anos por iniciativa dos Bispos italianos, todos os anos evidencia o valor da vida humana e o dever absoluto de a defender, desde a sua concepção até ao seu fim natural. E sobre isto gostaria de sublinhar um aspeto, como premissa geral. Cuidar da vida requer que seja feito durante toda a vida e até ao fim. E exige também que se preste atenção às condições de vida: a saúde, a educação, as oportunidades laborais, e assim por diante; em síntese, tudo o que permite que uma pessoa viva de maneira digna.

Por isso, a defesa da vida não se cumpre de uma só forma ou com um único gesto, mas realiza-se numa multiplicidade de ações, atenções e iniciativas; nem diz respeito apenas a algumas pessoas ou a certos âmbitos profissionais, mas con-



cerne cada cidadão e a complexa rede das relações sociais. Ciente disto, o Movimento pela Vida, presente em todo o território italiano através dos Centros e dos Serviços de ajuda à vida e das Casas de acolhimento, e mediante as suas múltiplas iniciativas, desde há 43 anos esforça-se por ser fermento para difundir um estilo e práticas de acolhimento e de

respeito da vida em todo “o tecido” da sociedade.

Ela deveria ser sempre ciosa e firme guardiã da vida, pois «a vida é futuro», como recorda a mensagem dos Bispos. Unicamente dando-lhe espaço se pode olhar em frente, e fazê-lo com confiança. Eis por que a defesa da vida tem o seu fulcro no acolhimento de quem foi gerado e ainda está albergado no ventre materno, envolto no seio da mãe como num abraço amoroso que os une. Apreciei o tema escolhido este ano para o Concurso europeu proposto às escolas: «Cuido de ti. O modelo da maternidade». Convida a olhar para a concepção e para o nascimento não como para um facto mecânico ou apenas físico, mas na ótica da relação e da comunhão que une a mulher e o seu filho.

O Dia pela vida deste ano recorda um excerto do profeta Isaías que nos comove sempre, evocando a obra maravilhosa de Deus: «pois vou realizar algo de novo» (Is 43, 19), diz o Senhor, deixando transparecer o seu coração sempre jovem e o seu entusiasmo em gerar, todas as vezes como no princípio, algo que antes não existia e tem uma beleza inesperada. «Não o notais?», acrescenta Deus pelos lábios do profeta, para nos despertar da nossa inércia. «Como é possível que não vos apercebeis do milagre que se realiza precisamente diante dos vossos olhos?». E nós, como o podemos considerar uma obra só nossa, a ponto de nos sentirmos com o direito de dispor dela a nosso bel-prazer?

Eliminar voluntariamente a vida ao seu desabrochar é, em qualquer caso, uma traição da nossa vocação, assim como do pacto que liga entre si as gerações, pacto que permite olhar em frente com esperança. Onde há vida, há esperança! Mas se a própria vida for violada no seu surgir, o que permanece já não é aco-

lhimento grato e maravilha pelo dom, mas um frio cálculo de quanto temos e daquilo de que podemos dispor. Então até a vida se reduz a bem de consumo, a ser usada e deixada fora, para nós mesmos e para os outros. Como é dramática esta visão, infelizmente difundida e radicalizada, apresentada até como um direito humano, e quantos sofrimentos causa aos nossos irmãos mais débeis!

Contudo nunca nos resignemos, mas continuemos a trabalhar, conhecendo os nossos limites mas também o poder de Deus, que olha todos os dias com renovada admiração para nós, seus filhos, e para os esforços que fazemos a fim de permitir que o bem germine. Um sinal particular de consolação provém da presença entre vós de muitos jovens. Obrigado. Queridos rapazes e moças, vós sois um recurso para o Movimento pela Vida, para a Igreja e para a sociedade, e é bom que dediqueis tempo e energias à proteção da vida e ao apoio dos mais indefesos. Isto tornamos mais fortes e como que um badminton de renovação até para quem é mais velho do que vós. Desejo agradecer ao vosso Movimento o seu apego, desde sempre declarado e posto em prática, à fé católica e à Igreja, que vos torna testemunhas explícitas e corajosas do Senhor Jesus. E, ao mesmo tempo, aprecio a laicidade com a qual vos apresentais e trabalhais, laicidade fundada na verdade do bem da vida, que é valor humano e civil e, como tal, pede para ser reconhecido por todas as pessoas de boa vontade, seja qual for a religião ou credo a que pertencem. Na vossa ação cultural testemunhas com franqueza que quantos são concebidos são filhos de toda a sociedade, e a sua eliminação em grande número, com o consentimento dos Estados, constitui um grave problema que mina pela raiz a construção da justiça, comprometendo a correta solução de qualquer outra questão humana e social.

Em vista do Dia pela Vida de amanhã, aproveito esta ocasião para dirigir um apelo a todos os políticos, a fim de que, prescindindo das convicções de fé de cada um, coloquem como primeira pedra do bem comum a defesa da vida de quantos estão para nascer e fazer o seu ingresso na sociedade, à qual vêm trazer novidade, futuro e esperança. Não se deixem condicionar por lógicas que visam o sucesso pessoal ou interesses apenas imediatos ou de parte, mas olhem sempre para longe, e com o coração olhem para todos.

Peçamos com confiança a Deus que o Dia pela Vida que estamos para celebrar traga um pouco de ar limpo, permita que todos reflitam e se comprometam com generosidade, a partir das famílias e de quantos desempenham papéis de responsabilidade ao serviço da vida. A cada um de nós seja concedida a alegria do testemunho, na comunhão fraterna. Abençoo-vos com afeto e peço-vos, por favor, que não vos esqueçais de rezar por mim. Obrigado.

## À Comissão para o diálogo teológico entre católicos e ortodoxos

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 4

nem ruga» (Ef 5, 27), sem feridas nem divisões, mas na beleza da plena comunhão.

Muitos de vós pertencem a Igrejas do Médio Oriente terrivelmente provadas pela guerra, pela violência e perseguições. Ao encontrarmos convosco, volto com a memória ao recente encontro de Bari, que nos viu unidos, como Chefes de Igrejas, para um dia intenso de oração e reflexão sobre a situação do Médio Oriente, experiência que espero possa ser repetida. Desejo garantir a todos os fiéis no Médio Oriente a minha proximidade, o meu pensamento constante e a minha oração a fim de que aquelas terras, únicas no plano salvífico de Deus, depois da longa noite dos conflitos possam entrever uma alvorada de paz. O Médio Oriente deve tornar-se terra de paz, não pode continuar a ser terreno de conflito. A guerra, filha do poder e da miséria, ceda o lugar à paz, filha do direito e da justiça, e também os nossos irmãos cristãos sejam reconhecidos como cidadãos a pleno título e com direitos iguais (cf. Pa-

lavras na conclusão do diálogo, Bari, 7 de julho de 2018).

As vidas dos inúmeros santos das nossas Igrejas são sementes de paz lançadas naquelas terras que brotaram no céu. De lá apoiam-nos no caminho rumo à plena comunhão, caminho que Deus deseja, caminho que requer ser percorrido não segundo as conveniências do momento mas dócil à vontade do Senhor: que «todos sejam um» (Jó 17, 21). Ele chama-nos, cada vez mais, ao testemunho coerente da vida e à busca sincera da unidade. A semente desta comunhão, inclusive graças ao vosso precioso trabalho, brotou e continua a ser regado pelo sangue das testemunhas da unidade, pelo muito sangue derramado pelos mártires do nosso tempo: membros de Igrejas diversas que, unidos pelo sofrimento comum em nome de Jesus, agora partilham a mesma glória. Queridos irmãos, enquanto renovo o agradecimento cordial pela vossa visita, pela intercessão deles invoco sobre vós e o vosso ministério a bênção do Senhor. E, se vos apraz, cada um na própria língua, podemos rezar juntos o Pai-Nosso.



## MISSAS EM SANTA MARTA

Quinta-feira, 31 de janeiro

### O sacerdote da alegria

Como se reconhece um sacerdote fiel à sua vocação? Da «alegria» que sente dentro e que leva ao povo. Um presbítero que «não é um funcionário», mas é capaz de entrar na realidade de todos os dias encarando-a quer «com os olhos de Deus» quer com «os olhos do homem». Tendo como referência o exemplo de São João Bosco, o Papa sugeriu características fundamentais que se deveriam encontrar em cada sacerdote.

A reflexão do Pontífice teve início precisamente num episódio da vida do santo de Valdocco: «no dia da sua ordenação a mãe dissera-lhe: “Serás sacerdote, começarás a sofrer”. Uma frase vigorosa, quase enigmática. «O que quisera dizer aquela senhora humilde, camponesa, que não estudou na faculdade de teologia?». Certamente, a intenção da mãe Margarida era «evidenciar uma realidade», mas com o objetivo também de «chamar a atenção do filho», de o alertar, porque se na vida «ele se apercebesse de que não havia sofrimento» teria sido o sinal de que «algo não corria bem». Trata-se, explicou o Papa, da «profecia de uma mãe», de uma mulher simples «e com o coração cheio do Espírito».

Uma questão que o Pontífice re-presentou como provocação atual. «Penso: por que um sacerdote tem que sofrer? Ou por que quando começa o seu ministério, o sofrimento é um sinal de que corre bem?». Certamente, não significa que o sacerdote seja um «façurão». A resposta está na escolha de vida atuada precisamente por Dom Bosco que, recordou Francisco, «teve a coragem de olhar para a realidade com os olhos de homem e com os olhos de Deus». Entrou plenamente na realidade na qual se encontrava abraçando todas as suas dificuldades e vivendo todos os sofrimentos que derivavam dela. Ele olhou ao seu redor «naquela época maçônica, anticlerical, de uma aristocracia fechada, onde os pobres eram realmente pobres, o descarte», e «viu nas ruas aqueles jovens e disse: “Não pode ser!”. Isto é, Dom Bosco «viu com os olhos de um homem que é irmão e pai, e disse: “Não, isto não pode acontecer! Talvez estes jovens acabem por encontrar Cafasso [José Cafasso, sacerdote que dava conforto aos condenados à forca] ou na forca... não, não pode acontecer assim” e começou-se como homem, e como homem começou a pensar em sair para fazer crescer os jovens, para os fazer amadurecer. Caminhos humanos».

Olhos de homem, mas não só. Dom Bosco teve «a coragem de olhar com os olhos de Deus e ir ter com Deus e dizer: “Mas, mostrei-me isto... é uma injustiça... como se faz diante disto... Vós criastes estas pessoas para uma plenitude e eles são uma verdadeira tragédia...”».

E deste modo «olhando a realidade com amor de pai – pai e mestre, diz a liturgia de hoje – e fitando Deus com os olhos de mendigo que pede um pouco de luz, começa a ir

em frente». Eis então a resposta sobre a identidade do sacerdote: «ele deve ser estas duas polaridades. Olhar para a realidade com olhos de homem, e com olhos de Deus». Isto significa, acrescentou o Papa, «muito tempo diante do tabernáculo».

Esta dúplice capacidade de olhar, continuou o Pontífice recordando o testemunho do fundador dos salesianos, «fez-lhe ver o caminho». De facto, Dom Bosco não foi apenas ter com os jovens com o Catecismo e o Crucifixo dizendo: «faizei isto...» e ensinando preceitos. Se tivesse feito desta forma, «os jovens teriam dito: “Boa noite, vemo-nos amanhã”. Ao contrário, «aproximou-se deles, com a vivacidade deles. Fez com que eles jogassem, uniu-os em grupo e como irmãos... foi, caminhou, sentiu, viu, chorou com eles e levou-os em frente assim». É este «o sacerdote que olha humanamente para as pessoas, que está sempre disponível».

Ainda hoje às vezes os fiéis ouvem dizer: «O sacerdote recebe só das 15 às 17h30». Mas «tu não és um empregado, um funcionário. Já temos tantos funcionários, competentes, que desempenham o seu ofício, como devem fazer os funcionários. Mas o presbítero não é um funcionário, não o pode ser». E o Papa exortou idealmente cada sacerdote: «Vê com olhos de homem e chegará até ti aquele sentimento, a sabedoria de compreender que são os teus filhos, os teus irmãos. E depois, ter a coragem de ir à luta: o sacerdote é alguém que luta com Deus».

Com efeito «existe o risco de considerar demasiado o humano e nada o divino, ou demasiado o divino e nada o humano: mas se não arriscarmos, na vida, nada faremos...». Na vida acontece que: «Um pai arrisca pelo filho, um irmão por um irmão quando há amor...». E às vezes isto pode provocar «sofrimento» porque «começam as perseguições, as bisbilhotices... “Ah, este sacerdote, ali na rua, com as crianças, com os jovens, e estes jovens mal-educados que com a bola quebram os vidros da minha janela... tudo bisbilhotices».

Mas o caminho correto é indicado por Dom Bosco. «Hoje gostaria de dar graças a Deus por nos ter concedido este homem, que desde menino começou a trabalhar: sabia o que significa ganhar o pão de cada dia; este homem que compreendeu o que é a piedade, a verdade autêntica, este homem que recebeu de Deus um grande coração de pai, de mestre».

Um exemplo que ofereceu ao Pontífice outra indicação preciosa e decisiva: «Qual é o sinal de que um sacerdote está no caminho certo», que «está a encarar a realidade com os olhos de homem e com os olhos de Deus? A alegria». E, advertiu, «quando um sacerdote não encontra alegria dentro de si, deve parar ime-

diatamente e perguntar-se porquê». De resto, precisamente Dom Bosco era «o mestre da alegria: fazia felizes os outros e ele mesmo vivia sempre feliz. E também sofria». Portanto, concluiu o Papa, «peçamos ao Senhor, por intercessão de Dom Bosco, hoje, a graça de que os nossos sacerdotes sejam alegres: alegres porque conhecem o verdadeiro sentido de encarar os aspetos da pastoral, o povo de Deus com olhos de homem e com olhos de Deus».

Sexta-feira, 1 de fevereiro

### Memória e esperança

Os muitos cristãos que hoje são perseguidos, atacados e sofrem por causa da fé, conseguem perseverar sustentados pela «memória dos momentos felizes», como o primeiro encontro com Jesus, e pela esperança. Uma atitude que é válida também no dia a dia de cada cristão: com efeito, o crente deve apostar precisamente em «memória e esperança», quando se vê a braços com «um momento de fraqueza» ou até de verdadeira «desolação».

«Hoje a Igreja propõe-nos, na primeira leitura, uma catequese sobre a perseverança: perseverai no caminho de fé, perseverai no serviço do Senhor» explicou o Pontífice referindo-se à carta aos Hebreus (10, 32-39). Com efeito «o autor da carta aos Hebreus fala aos cristãos que estão a passar por um momento difícil, um momento mau porque são perseguidos ou porque não são compreendidos, sofrem injúrias, ou momentos pessoais sombrios, na própria vida, quando – também nós muitas vezes vivemos momentos assim – nada se sente, a ilusão do serviço do Senhor não nos ampara, praticar o bem resulta árduo, é um tempo tíbio, de afastamento na nossa alma, um tempo de desolação».

Mas «também Jesus sofreu» este tempo de desolação: pensemos na tristeza de Jesus quando chorou diante do sepulcro de Lázaro, quando chorou sobre Jerusalém: o coração estava triste». E «a tristeza de Jesus quando diz aos apóstolos na Quinta-Feira: “A minha alma estará triste até à morte”». Nesse momento «o coração de Jesus está sombrio: também ele passou por isto, a ponto que pediu ao Pai que não aconteça, que passe aquela hora». «A vida cristã não é a carnaval, não é festa e alegria, descontrada, contínua». É verdade, «a vida cristã tem momentos lindíssimos e momentos maus, momentos de fraqueza, de desapego, como disse, onde nada tem sentido: o momento da desolação».

E precisamente «neste momento, quer pelas perseguições internas quer pelo estado interior da alma, o autor da carta aos Hebreus diz: “Tendes apenas necessidade de perseverança”». É preciso «perseverança

para que, tendo feito a vontade de Deus, obtenhais o que vos foi prometido» lê-se no texto. Por conseguinte, «perseverança para chegar à promessa». E «o caminho da promessa, como disse, tem momentos bons, momentos luminosos, momentos obscuros» insistiu o Pontífice, sugerindo que se «persevere sempre» seguindo as «duas indicações» propostas pelo apóstolo: «memória e esperança».

Pode-se recorrer «à memória nos momentos obscuros». Lê-se na carta aos Hebreus: «Recordai os primeiros dias». Ou seja, explicou Francisco, «os dias felizes do encontro com o Senhor, por exemplo, quando fiz uma boa obra e senti a proximidade do Senhor, quando senti que numa prece o Senhor se aproximava de mim ou quando escolhi entrar no seminário, na vida consagrada». Eis, «momentos bons, bons». Portanto, sugere o autor da carta, «recordai aqueles momentos, os primeiros dias, nos quais tudo era luminoso; agora sinto-me abatido, sim, mas penso neles».

Eis, então, a «primeira receita contra a desolação: recordar, recordar a alegria dos primeiros dias». É ainda o autor da carta que recorda «o que fizeram os cristãos nos primeiros dias: “Depois de terdes recebido a luz de Cristo, tivestes que enfrentar uma luta grande e penosa, ora expostos publicamente a insultos, perseguições, ora tornando-vos solidários com quantos eram tratados deste modo”». Contudo «não importava: éreis felizes, naquele momento» insistiu o Papa. Ao contrário, prosseguiu, «hoje estais desolados: recordai o momento da felicidade dos primeiros dias da consolação».

No livro do profeta Jeremias, recordou Francisco, «há um aspeto agradável que diz: “Senhor” – olhando ele para estes primeiros momentos – “de ti recordo os primeiros dias, os dias da juventude” – a juventude espiritual – “aquele seguiu-me como apaixonado no deserto”: o tempo do amor. Depois chegou o tempo mau mas nós recordamos o bom».

A segunda indicação é «a esperança». Lê-se ainda na carta aos Hebreus: «Tendes unicamente necessidade de perseverança para que, tendo feito a vontade de Deus, obtenhais aquilo que vos foi prometido», portanto, acrescentou o Pontífice, «para chegar Aquela promessa que me foi feita nos primeiros dias». De resto «a vida é assim, nós sabemos, pois todos passamos por estes momentos maus, todos. É normal. Mas não é bom desanimar, não é bom dizer: “ah, é inútil”. Ele diz muito claramente: “Não cedas, não retrocedas”, diz no original; “não retrocedas, não cedas”».

É necessário «resistir nos maus momentos mas uma resistência da memória e da esperança, uma resis-

O Papa aos participantes no capítulo geral dos Fatebenefratelli

## Ao serviço do mundo ferido e doente

*A «profecia da compaixão» exige um engajamento autêntico «no serviço ao mundo ferido e doente», recordou o Papa Francisco aos participantes no capítulo geral da ordem hospitaleira de São João de Deus (Fatebenefratelli), recebidos em audiência na manhã de 1 de fevereiro, na Sala Clementina.*

Queridos irmãos!

Recebo-vos com alegria enquanto estais a celebrar o 69º Capítulo Geral da Ordem Hospitaleira de São João de Deus. Desejo agradecer-vos o que sois e fazeis nas diversas expressões do vosso carisma. Agradeço ao Superior-Geral as palavras com as quais introduziu o nosso encontro. E gostaria de vos convidar a prestar atenção a três temas: *Discernimento, proximidade-hospitalidade e missão partilhada.*

**Discernimento.** Trata-se de uma atitude fundamental na vida da Igreja e na vida consagrada. Fazer memória grata do passado – como na Liturgia de hoje a Palavra de Deus nos exorta a fazer – viver o presente com paixão e abraçar o futuro com esperança – três objetivos indicados para o Ano da Vida Consagrada – seria impossível sem um discernimento adequado. Observando o passado, o discernimento leva à purificação da nossa história e do nosso carisma, a separar o trigo do joio, a fixar a nossa atenção sobre o que é importante. Olhando para o passado, chegamos também ao encontro com o primeiro amor. Observando o presente, o discernimento impele a viver o momento atual com a paixão que deve caracterizar a vida consagrada, afasta da *rotina* e da mediocridade e transforma a *paixão* por Cristo em *compaixão*, que acompanha as dores e as necessidades da humanidade. Olhando para o futuro, o discernimento permitirá que continuéis



a tornar fecundo o carisma da hospitalidade e da cura, enfrentando os novos desafios que se vos apresentam. O discernimento enraíza-se numa dimensão histórica.

Faço votos para que este Capítulo permaneça no coração e na memória da vossa Congregação como experiência de diálogo e de discernimento, na escuta do Espírito e dos irmãos e colaboradores, sem ceder à tentação da autorreferencialidade, que vos levaria a fechar-vos em vós mesmos. Por favor, não façais da Ordem Hospitaleira um exercício fechado, uma reserva fechada. Dialogai, debatei e projetai juntos, a partir das vossas raízes, o presente e o futuro da vossa vida e missão, ouvindo sempre a voz de muitos doentes e das pessoas que têm necessidade de vós, como fez São João de Deus: um homem apaixonado por Deus e compassivo pelo doente e pelo pobre.

Segunda atitude: *Proximidade-hospitalidade.* Paixão e compaixão são energias do Espírito que darão sentido à vossa missão hospitaleira, que animarão a vossa espiritualidade e darão qualidade à vossa vida fraterna em comunidade. Num consagrado, e em cada batizado, não pode existir compaixão autêntica se não houver paixão de amor por Jesus. A paixão por Cristo impele-nos à profecia da compaixão. Que ressoe em vós a causa do humano como causa de Deus. E assim, ao sentir-vos uma família, podereis pôr-vos em todos os momentos ao serviço do mundo ferido e doente.

No meio de tantos sinais de morte, pensai na figura evangélica do samaritano (cf. *Lc 10, 15-37*). Parece que ele não dispõe de muitos meios, que não pertence a qualquer centro de poder que o apoia, só possui a sua mochila, mas tem o olhar atento e ali, no mais profundo do seu ser, o seu coração vibrou ao ritmo do próximo. A urgência de estender a mão a quem tem necessidade levou-o a deixar de lado os seus projetos e a interromper o seu caminho. A preocupação pela vida ameaçada do outro fez emergir o melhor da sua humanidade, e levou-o a derramar com ternura óleo e vinho nas feridas daquele homem meio-morto.

Neste gesto de puro altruísmo e de grande humanidade esconde-se o segredo da vossa identidade como hospitaleiros. Ao deixar-vos envolver pelo outro e no gesto do samaritano de derramar óleo e vinho sobre as feridas daquele que tinha caído nas mãos dos assaltantes descobrirei a marca da vossa identidade. Uma marca que vos levará a manter viva no tempo a presença misericordiosa de Jesus que se identifica com os pobres, os doentes e os necessitados, e dedica-se ao seu serviço. Deste modo podeis cumprir a vossa missão de anunciar e realizar o reino entre os pobres e os enfermos. Com o vosso testemunho e as vossas obras apostólicas garantis assistência aos doentes e aos necessitados, com preferência pelos mais pobres (cf. *Cons-*

*tituições gerais*, art. 5), e promoveis a pastoral no campo da saúde.

O samaritano *assumiu o cuidado* do ferido. A expressão “assumir o cuidado” tem uma dimensão humana e espiritual. Jesus quer que toquemos a miséria humana, a sua carne na daqueles que sofrem no corpo ou no espírito. Tocar, para nos deixarmos tocar. Far-nos-ia muito bem! E então a vossa vida transformar-se-á em ícone das entranhas de misericórdia de Deus, configurando-se finalmente com Cristo compassivo e misericordioso, que passou no mundo praticando o bem a todos (cf. *At 10, 38*) e curando todos os tipos de doença e enfermidade (cf. *Mt 4, 23*).

Neste contexto peço-vos um sereno discernimento sobre as estruturas. As vossas estruturas devem ser “hospedarias” – como a da parábola do Samaritano – ao serviço da vida, espaços nos quais especialmente os doentes e os pobres se sintam acolhidos. E far-vos-á bem questionar-vos com frequência sobre o modo como conservar a memória de tais estruturas que nasceram como expressão do vosso carisma, para que permaneçam sempre ao serviço da ternura e da atenção que devemos às vítimas do descarte da sociedade. Peço-vos que criéis redes “samaritanas” a favor dos mais débeis, com particular atenção aos doentes pobres, e que as vossas casas sejam sempre comunidades abertas e acolhedoras para globalizar uma solidariedade compassiva.

Terceira palavra: *Missão partilhada.* Esta é uma verdadeira urgência, e não só porque atravessamos momentos de escassez de vocações, mas porque os nossos carismas são dons para toda a Igreja e para o mundo. Além do número e da idade, o Espírito suscita sempre uma fecundidade renovada que passa através de um discernimento adequado e incrementa a formação conjunta, de tal modo que religiosos e leigos tenham um coração missionário que exulte de alegria ao experimentar a salvação de Cristo e a partilha como consolidação e compaixão, correndo o risco de se sujar na lama da estrada (cf. *Evangélii gaudium*, 45).

Encorajo-vos a cuidar da vossa formação, sem deixar de formar os leigos no carisma, na espiritualidade e na missão da hospitalidade cristã, a fim de que eles tenham um bom sentido de pertença e nas suas obras nunca falte o testemunho da espiritualidade que alimentou a vida de São João de Deus.

Queridos irmãos, levai a compaixão e a misericórdia de Jesus aos doentes e aos mais necessitados. Sai de vós mesmos, dos vossos limites, dos vossos problemas e dificuldades, para vos unirdes aos outros numa caravana de solidariedade. Que os vossos jovens profetizem e os vossos idosos não parem de sonhar (cf. *Jl 3, 1*). Acompanho-vos com a minha bênção; e, por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Obrigado.

## Missã em Santa Marta

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 12

tência com o coração: o coração, quando pensa nos momentos bons, respira, quando olha para a esperança também pode respirar». E é exatamente «o que nós devemos fazer nos momentos de desolação, para encontrar o primeiro conforto e a consolação prometida pelo Senhor».

«Vem-me à mente uma coisa que me comoveu, me impressionou, na prisão que visitei na Lituânia, onde levavam os condenados à morte. E aquelas pessoas sabiam que se tivessem perseverado na fé, no amor à pátria, teriam acabado assim. Mas eram corajosas. Muitos, tantos cristãos, tantos mártires».

«Também hoje, muitos homens e mulheres estão a sofrer por causa

da fé mas recordam-se do primeiro encontro com Jesus, têm esperança e vão em frente» afirmou. «Este é o conselho do autor da carta aos Hebreus para os momentos de perseguição, quando os cristãos são atacados: “Sede perseverantes”. E assim «também nós, quando o diabo nos ataca com as tentações, com os vícios, com as nossas misérias, olhemos sempre para o Senhor, a perseverança da cruz, recordando os primeiros momentos bons do amor, do encontro com o Senhor e a esperança que nos compete». Concluindo, o Papa convidou a rezar para que «o Senhor nos conceda a graça da memória e da esperança, a fim de poder seguir assim, com perseverança, pelo caminho da nossa vida».

Entrevista ao vigário-geral de Paris

## Do medo à fraternidade

ANDREA MONDA

O Papa expressou-se com vigor, falando aos bispos da América Central: «O vigário-geral de Paris, Mons. Benoist de Sinety, acaba de publicar um livro com o subtítulo: "Acolher os migrantes, um apelo à

*ção do homem pelo qual se um vence o outro perde.*

Penso que a especificidade do cristão, do batizado, é que é chamado a ser profeta, e o profeta não está sozinho, pertence a um povo de profetas. Portanto eu sei, como batiza-

um pai em comum. Se não houver um pai não haverá nem sequer o irmão.

*Na sua opinião, o que é a coragem?*

É aceitar receber e testemunhar o Evangelho, mesmo se às vezes temos dificuldade de o compreender, de o viver. A coragem é enfrentar e superar o medo sabendo que ele está sempre ali, pois temos sempre medo de alguma coisa, temos sempre medo da morte.

*Segundo a sua experiência, o que provoca o medo no confronto com o outro?*

Creio que para muitas pessoas na França o medo consiste em sentirem-se sozinhas, medo da solidão social, da solidão afetiva, da pobreza. Muitas pessoas têm medo disto. E têm a sensação de que a situação atual leva a um aumento desta solidão. E quando vejo que a grande maioria dos franceses declara que não têm fé em Deus, penso que esta solidão é ainda maior.

*A conversa envereda-se inevitavelmente para a dimensão política com um sorriso amargo o vigário observa que o medo a nível político é uma marca que paga bem, como disse há poucos dias o secretário-geral da Onu, e ainda permite que se vençam as eleições. Isto complica a situação, porque se tem interesse em fazer aumentar o medo. Benoist de Sinety é muito cético e desconfiado em relação às pessoas que têm a solução. Especialmente para os migrantes.*

Na França, na dimensão política, fala-se muito pouco dos migrantes. Fala a extrema direita, o Front National, mas em geral os políticos, os responsáveis políticos têm muito medo de falar sobre os migrantes. Certa vez um político disse-me: não se po-

de falar dos migrantes porque os franceses não querem ouvir falar sobre isto. Não está bem, numa sociedade mais "normal" a política não deveria dizer às pessoas o que elas querem ouvir. Deveria ter uma função também educativa. Hoje, ao contrário, procede-se com slogans, simplificando uma situação complexa, este é o problema: vivemos numa sociedade na qual somos quase obrigados a dizer as coisas de modo muito simples, até quando nos encontramos diante de situações deveras complicadas.

*A Igreja em saída do Papa Francisco é compreendida e partilhada na França?*

Acredito que a grande maioria está muito contente com o Papa Francisco. A grande maioria dos cristãos e também dos franceses. Talvez seja a primeira vez que um Papa é popular entre os não-crentes. É verdade também que há alguns cristãos, certos católicos, que estão desorientados, atônitos, um pouco perdidos, em relação ao seu modo de se expressar, face à rapidez das situações. Para os franceses talvez seja complicado entender que um Papa possa ser de uma cultura diferente da sua. Para os franceses tudo é francês. Mas gostavam muito de João Paulo II e também de Bento XVI, e gostam muito do Papa Francisco. A grande novidade é que o Papa Francisco é popular na França fora da Igreja. É algo deveras novo. Porque ele é um Papa não identitário, diria simplesmente que é um Papa católico. Talvez cause problema o seu ser sul-americano, é complicado para os europeus aceitar tudo isto. É preciso ter coragem até para aceitar que o catolicismo seja "diferente", que não seja só europeu.



O diretor em conversa com monsenhor Benoist de Sinety

coragem". É uma maravilha, este livro. Ele está aqui, na Jornada». Por conseguinte, imediatamente procuramo-lo e ele apresentou-se, embora tivesse que se afastar por algum tempo dos jovens de Paris que acompanhava à Jmj. O rosto sereno e solar de quem trabalha neste campo diariamente, poucas palavras e muita concretude, a mesma com a qual responde às nossas perguntas.

*Como nasceu este livro? Se entendi bem, surgiu de uma sua experiência direta, porque no início o senhor não estava muito envolvido na ideia do acolhimento, antes de ter uma experiência pessoal.*

Com efeito quando fui nomeado vigário-geral, há três anos, descobri uma realidade que, como todos, conhecia através da televisão e da internet e, ao mesmo tempo, no norte de Paris vi muitas paróquias e pessoas que realizavam algumas iniciativas e trabalhavam para ajudar os migrantes. Por um lado, via todos os que trabalhavam e procuravam ajudá-los e, por outro, ao mesmo tempo, noutras áreas de Paris mais abastadas, muitas pessoas diziam que os migrantes eram demasiados. Era assustador. É a lógica do curador ferido: só quem foi ferido pode curar. O verdadeiro problema, que quis abordar neste livro sobre o tema da coragem, é que tudo isto provoca medo. Muitas pessoas na França, como em toda a parte na Europa e na América, vivem uma espécie de sentimento misto: têm medo dos migrantes mas, ao mesmo tempo, comovem-se diante do seu desespero.

*Gostaria de insistir sobre o tema do medo e associá-lo ao da fraternidade: dois elementos que combatem no cora-*

do, que me posso apoiar antes de tudo naquele que me chama a ser profeta, ou seja em Cristo, e depois posso apoiar-me no povo, que como eu, é chamado a ser profeta. A fraternidade é esta: o cristão sabe que fazemos parte de um povo, que cada homem é seu irmão. Mas hoje vivemos uma crise muito profunda, sobretudo no Ocidente, a crise que nasce do já não sabermos de quem somos filhos e a fraternidade só é possível se reconhecermos que temos

## Memórias do inferno de Manus

Um imigrante escreve um romance por WhatsApp e recebe um prémio que não pode retirar

*No Friends, but Mountains* ("Nenhum amigo além das montanhas"). Eis o título do romance escrito por Behrouz Bochani, 35 anos, iraniano de etnia curda, desde há

seis anos fechado no centro para migrantes ilegais na ilha de Manus, em pleno Oceano Pacífico. O seu sonho era chegar à Austrália, que está a cerca de mil km de distância

de Manus. Nunca vai conseguir, devido às rígidas políticas de Canberra em matéria de asilo, condenadas várias vezes pelas Nações Unidas. Assim aquele sonho transformou-se gradualmente num pesadelo. Preso num beco sem saída, Behrouz decidiu confiar a sua experiência à escritura e, através de WhatsApp, enviou poesias e pensamentos em língua parse ao seu tradutor que os traduziu em inglês. Depois, reuniu tudo num livro que recebeu o *Victorian Prize for Literature*. É o primeiro romance escrito por WhatsApp que recebeu um prémio tão prestigioso do próprio país que aprisionou o seu autor num campo de detenção. É um testemunho do imenso poder utópico e crítico da imaginação contra as absurdas políticas discriminatórias de governos irresponsáveis.



# Sobre a Igreja católica na China

A 22 de setembro de 2018 em Pequim, a Santa Sé e a República Popular China assinaram um «Acordo Provisório sobre a nomeação dos Bispos». Precedentemente, no dia 8 de setembro de 2018, depois de ter refletido e rezado muito, o Sucessor de Pedro, com espírito de grande benevolência, tinha acolhido na plena comunhão eclesial sete Bispos chineses, consagrados sem mandato pontifício.

Neste contexto, o Papa Francisco convidou todos os Prelados a renovar a total adesão a Cristo e à Igreja e recordou-lhes que, pertencendo ao povo chinês, são obrigados a ter respeito e lealdade em relação às autoridades civis e, como Bispos, são chamados a ser fiéis ao Evangelho, segundo quanto o próprio Jesus ensina: «Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus (Mt 22, 21)».

Além disso, o Santo Padre confiou a cada Bispo uma tarefa pastoral diocesana, tendo devidamente em

conta as particulares e complexas situações locais. Portanto, D. José Guo Jincai foi chamado a desempenhar o ministério episcopal como primeiro Bispo de Chengde; D. José Huang Bingzhang, como Bispo de Shantou; D. José Liu Xinhong, como Bispo em Anhui; D. José Ma Yinglin, como Bispo de Kunming; D. José Yue Fusheng, como Bispo em Heilongjiang; D. Vicente Zhan Silu, como Bispo de Funing/Mindong; e D. Paulo Lei Shiyin, como Bispo de Leshan.

Em relação a estas medidas, D. Vicente Guo Xijin assumiu o cargo de Bispo Auxiliar de Funing/Mindong, e D. Pedro Zhuang Jianjian o título de Bispo Emérito de Shantou.

No que diz respeito ao seu cargo pastoral, os nove Prelados receberam a comunicação da Santa Sé no dia 12 de dezembro de 2018 em Pequim, no contexto de uma sóbria cerimónia marcada por um intensa comunhão eclesial e que se concluiu com a oração do Pai-Nosso e com o can-

to da Ave-Maria segundo uma tradicional melodia chinesa.

Por fim, é um facto de grande relevo eclesial que D. António Tu Shihua, O.E.M., alguns meses antes do seu falecimento, ocorrido a 4 de janeiro de 2017, tenha pedido para ser readmitido na plena comunhão com o Sucessor de Pedro, o qual o acolheu com o título de Bispo Emérito de Puqi.

Para melhor compreender a importância eclesial e pastoral destes acontecimentos, é oportuno que nunca fazer referência a quanto o Papa Francisco sublinhou na «Mensagem aos católicos chineses e à Igreja universal», de 26 de setembro de 2018: «Precisamente para sustentar e promover o anúncio do Evangelho na China e reconstituir a unidade plena e visível na Igreja, era fundamental enfrentar, em primeiro lugar, a questão das nomeações episcopais. Todos sabem que, infelizmente, a história recente da Igreja católica na China esteve dolorosa-

mente marcada por profundas tensões, feridas e divisões que se têm focalizado sobretudo à volta da figura do Bispo como guardião da autenticidade da fé e garante da comunhão eclesial» (n. 3).

Agora é importante viver a unidade entre os católicos e «abrir uma fase de colaboração mais fraterna, para assumir com renovado empenho a missão do anúncio do Evangelho. De facto, a Igreja existe para testemunhar Jesus Cristo e o Amor perdoador e salvífico do Pai» (Mensagem, n. 4).

A Santa Sé continua a empenhar-se em prosseguir o caminho de diálogo, em vista de resolver gradualmente, com atitude de compreensão recíproca e de paciência clarividente, os diversos problemas ainda existentes, a começar pelo reconhecimento civil do clero “não oficial”, a fim de tornar cada vez mais normal a vida da Igreja católica na China.

\*\*\*



## INFORMAÇÕES

### Audiências

O Papa Francisco recebeu em audiências particulares:

A 7 de fevereiro

O Senhor Cardeal Luis Francisco Ladaria Ferrer, Prefeito da Congre-

gação para a Doutrina da Fé; D. José Rodríguez Carballo, Secretário da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica; e D. Paul Emil Tscherrig, Núncio Apostólico na Itália e na República de San Marino.

A 8 de fevereiro

Os Membros da Presidência Nacional da Federação Universitária Católica Italiana (Fuci).

A 9 de fevereiro

O Senhor Cardeal Marc Ouellet, Prefeito da Congregação para os Bispos.

### Renúncias

O Santo Padre aceitou a renúncia:

No dia 4 de fevereiro

De D. Séamus Cunningham, ao governo pastoral da Diocese de Hexham e Newcastle (Inglaterra).

### Nomeações

O Sumo Pontífice nomeou:

A 4 de fevereiro

Núncio Apostólico em Uganda, D. Luigi Bianco, até estada data Núncio Apostólico na Etiópia e Djibuti e Delegado Apostólico na Somália.

Bispo de Hexham e Newcastle (Inglaterra), D. Robert Byrne, até esta data Auxiliar de Birmingham.

### Prelados falecidos

Adormeceu no Senhor:

No dia 25 de janeiro

D. Jacques Berthelet, Bispo Emérito de Saint-Jean-Longueuil (Canadá).

O venerando Prelado nasceu a 24 de outubro de 1934, em Montreal (Canadá). Recebeu a Ordenação sacerdotal no dia 16 de junho de 1962. Foi ordenado Bispo em 21 de março de 1987.

### Início de Missão de Núncios Apostólicos

D. Dagoberto Campos Salas, na Serra Leoa (16 de janeiro).

## Atualidade de um magistério

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 1

pa Francisco, vale a pena recordar que foi precisamente Bento XVI quem iniciou os encontros com as vítimas dos abusos ainda em vida. Encontros distantes das câmaras de televisão, feitos de escuta, oração e pranto. É claro, esses encontros foram acompanhados de normas mais claras e incisivas para combater a terrível chaga dos abusos. Mas não há dúvida de que a mudança de mentalidade exigida sobretudo dos bispos e dos superiores religiosos passa por esta capacidade de ir ao encontro das vítimas e das suas famílias, deixando-se ferir pelas suas narrações, para tomar consciência de um fenómeno que jamais poderá ser

combatido somente com normas, códigos ou *best practices*.

No que diz respeito ao magistério do Papa Ratzinger, muitas vezes “menosprezado” por leituras reducionistas e clichés pré-fabricados incapazes de valorizar a sua riqueza, a complexidade e a fidelidade ao ensinamento do Concílio Ecuménico Vaticano II, não podemos deixar de recordar a insistência sobre o facto que a Igreja “não possui nada por si mesma diante d’Aquele que a fundou, de modo a poder dizer: fizemo-lo muito bem! O seu sentido consiste em ser instrumento da redenção, em deixar-se permear pela Palavra de Deus e em introduzir o mundo na união de amor com Deus. Por conseguinte, o oposto do confiar nas estratégias e nos projetos. A

Igreja, continuava Bento XVI num discurso na Konzerthaus de Freiburg im Breisgau em setembro de 2011, «quando é verdadeiramente ela mesma, está sempre em movimento, deve continuamente colocar-se ao serviço da missão, que recebeu do Senhor. E por isso deve abrir-se sempre de novo às preocupações do mundo, do qual, na realidade, ela mesma faz parte, dedicar-se sem reservas a tais preocupações, para continuar e tornar presente o intercâmbio sacro que teve início com a encarnação».

Naquele mesmo discurso, o Papa Ratzinger alertava para a tendência contrária. Isto é, «a de uma Igreja satisfeita consigo mesma, que se acomoda neste mundo... Assim não é raro dar à organização e à institucio-

nalização uma importância maior do que dá ao seu chamamento a permanecer aberta a Deus e a abrir o mundo ao próximo». Por isso, o Pontífice alemão mostrava naquele discurso o lado positivo da secularização, que «contribuiu de modo essencial à purificação e reforma interior» da própria Igreja mesmo expropriando-a de seus bens e de seus privilégios. Porque, concluía, «liberta dos fardos e dos privilégios materiais e políticos, a Igreja pode dedicar-se melhor e de modo verdadeiramente cristão ao mundo inteiro, pode estar verdadeiramente aberta ao mundo. Pode de novo viver, com mais agilidade, a sua vocação ao ministério da adoração de Deus e ao serviço do próximo».

O Papa celebrou a festa da Apresentação de Jesus no templo

## A vida consagrada não é sobrevivência mas novidade

*A vida consagrada não pode tornar-se «tempo que passa», mas deve permanecer «tempo de encontro», afirmou o Papa Francisco na homilia da missa celebrada na basílica de São Pedro na tarde de 2 de fevereiro, festa da Apresentação de Jesus no templo e Dia mundial da vida consagrada.*

Hoje a Liturgia mostra Jesus que vai ao encontro do seu povo. É a festa do encontro: a novidade do Menino encontra a tradição do templo; a promessa encontra cumprimento; Maria e José, jovens, encontram Simeão e Ana, idosos. Enfim, tudo se encontra, quando chega Jesus.

Que significa isto para nós? Antes de mais nada, que também nós somos chamados a acolher Jesus, que vem ao nosso encontro. *Encontrá-lo*: o Deus da vida deve ser encontrado todos os dias da vida; não ocasionalmente, mas todos os dias. Seguir Jesus não é uma decisão tomada uma vez por todas; é uma opção diária. E o Senhor não se encontra virtualmente, mas diretamente, encontrando-o na vida, na vida concreta. Caso contrário, Jesus torna-se apenas uma bela recordação do passado. Mas, quando o acolhemos como Senhor da vida, centro de tudo, coração pulsante de todas as coisas, então Ele vive e revive em nós. E acontece, também a nós, o que sucedeu no templo: ao redor d'Ele tudo se encontra, a vida torna-se harmoniosa. Com Jesus, reencontra-se a coragem de avançar e a força de permanecer firme. O encontro com o Senhor é a fonte. Então é importante voltar às fontes: percorrer com a memória os encontros decisivos que tivemos com Ele, reavivar o primeiro amor, talvez escrever a nossa história de amor com o Senhor. Fará bem à nossa vida consagrada, para que não se torne tempo que passa, mas seja tempo de encontro.

Se recordarmos o nosso encontro fundante com o Senhor, dar-nos-emos conta de que não surgiu como uma questão privada entre nós e Deus. Não! Desabrochou no povo crente, ao lado de tantos irmãos e irmãs, em tempos e lugares concretos. Assim no-lo diz o Evangelho, mostrando como o encontro tem lugar no povo de Deus, na sua história concreta, nas suas tradições vivas: no templo, segundo a Lei, no clima da profecia, com os jovens e os idosos juntos (cf. *Lc 2, 25-28.34*). O mesmo se passa com a vida consagrada: desabrocha e floresce na Igreja; se se isolar, murcha. Aquela amadurece quando os jovens e os idosos caminham juntos, quando os jovens reencontram as raízes e os idosos acolhem os frutos. Mas estagna quando se caminha sozinho, quando se permanece fixado no passado ou se salta para a frente para tentar sobreviver. Hoje, festa do encontro, peçamos a graça de redescobrir o Senhor vivo, no povo crente, e de fazer encontrar o carisma recebido com a graça do dia de hoje.

O Evangelho diz-nos também que o encontro de Deus com o seu povo tem um ponto de partida e uma meta. Começa-se da chamada ao templo, e chega-se à visão no templo. A chamada é dupla. Há uma primeira chamada «segundo a Lei» (2, 22). É a de José e Maria, que vão ao templo para cumprir o que prescreve a Lei. Quase como um refrão, aparece assinalado quatro vezes no texto (cf. 2, 22.23.24.27). Não se trata de constrangimento: os pais de Jesus não vão forçados, nem para satisfazer um cumprimento meramente externo; vão para responder à chamada de Deus. Há depois uma segunda chamada, segundo o Espírito. É a de Simeão e Ana. Também esta é evidenciada com insistência: relativamente a Simeão, fala-se três vezes do Espí-

rito Santo (cf. 2, 25.26.27) e termina com a profetisa Ana que, inspirada, louva a Deus (cf. 2, 38). Dois jovens acorrem ao templo chamados pela Lei; dois idosos, movidos pelo Espírito. Que diz à nossa vida espiritual e à nossa vida consagrada esta dupla chamada: da Lei e do Espírito? Que todos somos chamados a uma dupla obediência: à lei – no sentido daquilo que confere boa ordem à vida – e ao Espírito, que faz coisas novas na vida. Assim, nasce o encontro com o Senhor: o Espírito revela o Senhor, mas, para o acolher, é necessária a constância fiel de cada dia. Os próprios carismas mais elevados, sem uma vida ordenada, não dão fruto. Por outro lado, as melhores regras não são suficientes sem a novidade do Espírito: lei e Espírito andam juntos.

Para compreender melhor esta chamada, que vemos hoje nos primeiros dias de vida de Jesus no templo, podemos ir aos primeiros dias do seu ministério público em Caná, onde transforma a água em vinho. Lá também há uma chamada à obediência, quando Maria diz: «Qualquer coisa que [Jesus] vos disser, fazei-a» (cf. *Jô 2, 5*). Qualquer coisa. E Jesus pede uma coisa singular... Não faz imediatamente uma coisa nova, não tira do nada o vinho que falta – poderia fazê-lo – mas pede uma coisa concreta e exigente: pede para encher seis grandes ânforas de pedra para a purificação ritual (que nos recordam a Lei). Significava acarretar cerca de seiscentos litros de água do poço: tempo e fadiga que pareciam inúteis, porque o que faltava não era água, mas o vinho! Contudo é precisamente daquelas ânforas cheias «até acima» (2, 7) que Jesus tira o vinho novo. O mesmo se passa conosco: Deus chama-nos a encontrá-lo através da fidelidade a coisas concretas – é sempre no concreto que se encontra Deus – ou seja, a oração diária, a Missa, a Confissão, uma caridade verdadeira, a Palavra de Deus em cada dia, a proximidade sobretudo aos mais necessitados espiritual e corporalmente. São coisas concretas, como na vida consagrada a obediência ao Superior e às Regras. Se se praticar esta lei com amor – com amor! – sobrem o Espírito e traz a surpresa de Deus, como no templo e em Caná. Então a água da quotidianidade transforma-se no vinho da novidade; e a vida, que parece mais presa, na realidade torna-se mais livre. Neste momento, vem-me à mente uma Irmã, humilde, cujo carisma era precisamente fazer-se próximo dos padres e seminaristas. Anteontem, foi introduzida aqui, na diocese [de Roma], a sua causa de beatificação. Uma Irmã simples: não tinha grandes iluminações, mas possuía a sabedoria da obediência, da fidelidade e de não temer a novidade. Peçamos que o Senhor, atra-



vés da Irmã Bernardete, dê a todos nós a graça de caminhar por esta estrada.

O encontro, que nasce da chamada, culmina na visão. Simeão diz: «Os meus olhos viram a Salvação» (*Lc 2, 30*). No Menino que vê, contempla a salvação. Não vê o Messias que realiza prodígios, mas um menino pequenito. Não vê nada de extraordinário, mas Jesus com os pais, que trazem ao templo duas rolas ou duas pombas, ou seja, a oferta mais humilde (cf. 2, 24). Simeão vê a simplicidade de Deus, e acolhe a sua presença. Não procura algo de diferente; nada mais pede nem pretende. Basta-lhe ver o Menino e tomá-lo nos braços: «*Nunc dimittis...* agora podes deixar-me ir» (cf. 2, 29). Basta-lhe Deus como é. N'Ele, encontra o sentido último da vida. É a visão da vida consagrada, uma visão simples e, na sua simplicidade, profética, onde se tem o Senhor diante dos olhos e se espreita nas mãos e não precisa de mais nada. A vida é Ele, a esperança é Ele, o futuro é Ele. A vida consagrada é esta visão profética na Igreja: é olhar que vê Deus presente no mundo, embora a muitos passe despercebido; é voz que diz: «Deus basta, o resto passa»; é louvor que brota apesar de tudo, como manifesta a profetisa Ana: era uma mulher já muito idosa, que vivera tantos anos viúva, mas não era sorumbática, nostálgica nem fechada em si mesma; pelo contrário, chega, louva a Deus e só fala d'Ele (cf. 2, 38). Apraz-me pensar que esta mulher «tagarejava bem», e seria uma boa padroeira para nos converter do mal das bisbilhotices; com efeito, Ana ia de um lado para outro limitando-se a dizer: «[O Messias] é aquele! É aquele menino! Ide vê-lo». Apraz-me imaginá-la como a vizinha informada do lugar.

Eis a vida consagrada: louvor que dá alegria ao povo de Deus, visão profética que revela aquilo que conta. Quando assim é, floresce e torna-se para todos um apelo contra a mediocridade: contra as quedas de altitude na vida espiritual, contra a tentação de jogar por baixo com Deus, contra a adaptação a uma vida cómoda e mundana, contra a reclamação, insatisfação e lamento da própria sorte – as queixinhas! – contra o habituar-se a «fazer aquilo que se pode» e ao «sempre se fez assim». Estas não são frases segundo Deus. A vida consagrada não é sobrevivência, não é preparar-se para «*ars bene moriendi*»: esta é a tentação de hoje face ao declínio das vocações. Não! Não é sobrevivência, é vida nova. «Mas... somos poucas!» É vida nova. É encontro vivo com o Senhor no seu povo. É chamada à obediência fiel de cada dia e às surpresas inéditas do Espírito. É visão daquilo que importa abraçar para ter a alegria: Jesus.

